

Mestrado em Ciências da
Comunicação
Variante em Estudos de Média e
Jornalismo

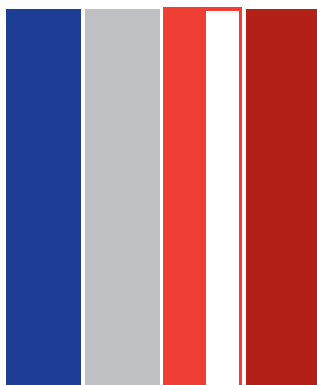
O Jornalismo Desportivo: a (im)parcialidade na abordagem aos principais clubes de futebol em Portugal

Análise nos programas «Jornal da Tarde» e «Telejornal»

Diogo Alexandre Silva Monteiro

M

2018



Diogo Alexandre Silva Monteiro

**O Jornalismo Desportivo: a (im)parcialidade na abordagem
aos principais clubes de futebol em
Portugal**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

O Jornalismo Desportivo: a (im)parcialidade na abordagem aos principais clubes de futebol em Portugal

Diogo Alexandre Silva Monteiro

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Frias da Costa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Fernando António Dias Zamith Silva
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Cristina Maria da Silva Pinto Ferreira Fonseca
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

Sumário

Declaração de honra	7
Agradecimentos	8
Resumo	9
Índice de tabelas	11
Lista de abreviaturas e siglas	12
Introdução.....	13
Capítulo 1 – Jornalismo Televisivo.....	15
1.1 História da Televisão em Portugal.....	15
1.2. O jornal televisivo.....	17
1.3. Os deveres e direitos do jornalista	18
1.4. O imediatismo no Jornalismo Televisivo.....	20
2.1. O jornalista especializado	28
3.1. História da Imprensa Desportiva em Portugal e na Europa.....	32
3.2. O jornalismo desportivo na televisão.....	35
3.3. O jornalista desportivo	37
3.4. Linguagem Desportiva.....	39
3.4. Os géneros jornalísticos	40
3.4.1. A notícia desportiva	40
3.4.2. A crónica	40
3.4.3. A reportagem	41
Capítulo 1 – O Estágio	43
1.1 A RTP	43
1.1.1 Apresentação da empresa.....	43
1.1.2 A missão do Jornalismo na RTP.....	44
1.1.3 Instalações da RTP do Porto	46
1.2 Calendarização do Estágio	47
1.3 O estágio.....	48
Capítulo 2- Investigação	50
2.1 Questão-problema e objetivos gerais.....	51
2.2 Metodologia	53
2.2.1. Amostra e instrumentos de recolha de dados	53
2.3 Análise de dados	54
2.3.1. Análise das gravações.....	54
2.3.2. Análise dos inquéritos por questionário.....	61

2.4. Reflexões e conclusões	67
Considerações finais	70
Referências bibliográficas.....	72
Anexo 1 - Críticas sobre a imparcialidade da RTP.....	76
Anexo 2 - Questionário	79
Anexo 3 – Estúdio virtual da RTP do Porto.....	81
Anexo 4 – Planta da redação da RTP do Porto	82

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro

Diogo Alexandre da Silva Monteiro

Agradecimentos

Todo o processo de formação que culminou com a elaboração deste relatório foi repleto de desafios, de conquistas, de alegrias, de aprendizagens, mas também de muito stress e preocupação. Foram várias as pessoas que contribuíram para que fosse uma etapa de sucesso, pelo que não posso deixar de agradecer-lhes:

- ao meu orientador, o Professor Paulo Frias, pelo apoio e disponibilidade demonstrados durante todo o processo;
- a todos os Professores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que partilharam comigo os seus saberes e me estimularam a ser cada vez melhor;
- à equipa da RTP, em especial ao José António Pereira, ao André Castro Ribeiro e à minha coordenadora Inês Gonçalves pela experiência que me proporcionaram;
- aos meus pais pelo incentivo, pela força e pelo apoio constante em todas as minhas decisões;
- ao meu irmão, por todas as críticas construtivas que contribuíram para o meu futuro;
- aos meus avós, pelo carinho e orgulho com que sempre me olharam;
- à minha namorada Diana, por todo o apoio e incentivo dado ao longo do meu estágio e da realização deste trabalho.

Resumo

O percurso de formação de um jornalista culmina com a realização e defesa do presente relatório que traduz, por um lado, uma etapa inicial predominantemente teórica, e, por outro, o contacto e intervenção num meio jornalístico. Esta experiência ocorreu no segundo ano do Mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Estudos de Média e Jornalismo, durante três meses na Rádio e Televisão de Portugal (RTP) na área de Jornalismo Desportivo.

Deste modo, este relatório é reflexo dos pressupostos teóricos estudados e questionados na fase inicial, da experiência de estágio e da componente investigativa, desenvolvida durante o envolvimento no meio jornalístico acima mencionado.

O estudo realizado procura analisar de que modo é que a RTP demonstra parcialidade ou imparcialidade na apresentação de notícias referentes aos três grandes clubes de futebol em Portugal, Futebol Clube de Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal, tendo em consideração que se trata de um canal público e, portanto, em teoria, isento. Para tal, recorreu-se à visualização dos “Jornal da Tarde” e “Telejornal” e preenchimento de grelhas de análise, bem como à realização de um inquérito por questionário a uma amostra da população.

Este relatório de estágio é, assim, uma tomada de consciência da importância do trajeto formativo para a construção do profissionalismo.

Palavras-chave: Jornalismo Desportivo, RTP, Jornal da Tarde; Telejornal e Parcialidade.

Abstract

The journey of a journalist begins with a report which on the one hand, represents a predominantly theoretical initial stage and, on the other hand, contact and intervention in a journalistic environment. This experience has happened on my second year of the Master in Communication Sciences, specialization area in Media Studies and Journalism, for three months on Radio and Television of Portugal (RTP) in the area of Sports Journalism.

In this way, the present project represents a reflexion of what I've learned and my theoretical studies, my experience like a trainee and my investigation in the journalism area during my internship.

My work was based on a purpose. I wanted to see how RTP present the news about three important football clubs in Portugal if the presentation of a public channel is partial or impartial. The football clubs mentioned were: Football Club of Porto, Sport Lisbon and Benfica and Sporting Portugal Club. To figure this out, I had to see some of the news of RTP, do some analyses and apply a questionnaire.

This internship reports it's a mix of importance of the formative journey a journalist need for the construction of professionalism.

Keywords: Sports Journalism, RTP, Jornal da Tarde; Telejornal and Partiality.

Índice de tabelas

Gráfico 1 – Número de notícias das modalidades no Jornal da Tarde no mês de abril	56
Gráfico 2 – Número de notícias das modalidades no Telejornal no mês de abril	57
Gráfico 3 – Notícias dos diferentes clubes do campeonato português no Jornal da Tarde no mês de abril.....	58
Gráfico 4 – Notícias dos diferentes clubes do campeonato português no Telejornal no mês de abril.....	58
Gráfico 5 – Número de notícias dos três grandes clubes de futebol de Portugal no Jornal da Tarde no mês de abril.....	59
Gráfico 6 – Número de notícias dos três grandes clubes de futebol de Portugal no Telejornal no mês de abril.....	60
Gráfico 7 – Número de notícias no dia após derrota de cada uma das três grandes equipas de futebol de Portugal no mês de abril.....	61
Gráfico 8 – Número de destaques para cada uma das três grandes equipas de futebol de Portugal no dia após as suas derrotas no mês de abril.....	62
Gráfico 9 – Distribuição dos inquiridos pelas NUT II do país.....	63
Gráfico 10 – Sexo dos inquiridos.....	64
Gráfico 11 Idade dos inquiridos.....	64
Gráfico 12 – Clube dos inquiridos.....	65
Gráfico 13 – Segundo clube dos inquiridos.....	66
Gráfico 14 – Grau de fanatismo dos inquiridos.....	67
Gráfico 15 – Opinião dos inquiridos sobre a parcialidade/ imparcialidade da RTP na abordagem aos três grandes clubes de futebol de Portugal.....	68

Lista de abreviaturas e siglas

BBC - British Broadcasting Corporation

F.I.J. - Federação Internacional dos Jornalistas

FCP – Futebol Clube do Porto

GAE - Gabinete de Estudos da Televisão

NTV – Norte Televisão

RDP - Rádiofusão Portuguesa

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

SCP – Sporting Clube de Portugal

SLB – Sport Lisboa e Benfica

TVI – Televisão Independente

UER - União Europeia de Radiodifusão

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Estudos de Média e Jornalismo, foi elaborado o presente relatório de estágio, intitulado “O Jornalismo Desportivo: A (im)parcialidade na abordagem aos principais clubes de futebol em Portugal – Análise nos programas «Jornal da Tarde» e «Telejornal»”. A estrutura do presente relatório compreende a sua organização em duas partes, cada uma delas subdividida em capítulos e subcapítulos que estabelecem entre si uma relação, pelo que apenas a leitura integral deste trabalho elucida sobre os conhecimentos científicos adquiridos, as metodologias adotadas e o estudo desenvolvido.

Deste modo, o relatório começa por apresentar três capítulos na primeira parte, dedicada na íntegra ao enquadramento teórico. Este procura explorar os temas do jornalismo televisivo, jornalismo especializado e, por último, jornalismo desportivo, uma vez que são temas basilares da experiência de estágio vivida.

A segunda parte deste relatório é dedicada ao relato da experiência profissional vivida na RTP, nomeadamente na área de jornalismo desportivo, e à apresentação do estudo desenvolvido. Assim, o primeiro capítulo desta parte apresenta a caracterização da empresa e a descrição das tarefas desenvolvidas pelo estagiário. A dimensão investigativa surge no capítulo seguinte, no qual se apresenta a questão problema, os objetivos definidos, a metodologia adotada e a análise dos resultados.

Por fim, a conclusão deste trabalho procura fazer uma análise retrospectiva de todo o percurso, na tentativa de transmitir a complexidade de todo processo e o desenvolvimento pessoal e profissional alcançado.

No sentido de facilitar e complementar a informação essencial deste documento, no final surgem as referências bibliográficas e os anexos, nos quais se podem encontrar notícias produzidas pelo estagiário e grelhas comparativas, por exemplo.

Parte I

Capítulo 1 – Jornalismo Televisivo

O início da rádio na Europa e nos Estados Unidos teve iniciativa privada. Contudo, o Estado não se alheou deste novo meio de comunicação. As comunicações à distância eram muito importantes para as manobras militares, na afirmação nacional, nas ligações às colónias, no desenvolvimento industrial, na segurança da marinha mercante ou na consolidação de lideranças políticas. Desta forma, os governos rapidamente criaram monopólios nacionais na radiofusão sonora. A formação das empresas públicas de rádio influenciaria decisivamente o início da televisão, quase três décadas depois. Apenas três países europeus – Alemanha, Inglaterra e França – tinham emissões de televisão com alguma regularidade antes do início da segunda guerra mundial. Em Itália e na União Soviética, a televisão ainda passava por emissões experimentais. Nos Estados Unidos, a televisão surgiu por iniciativa dos operadores de radiodifusão. De acordo com Arons de Carvalho (2009), em Inglaterra, o canal British Broadcasting Corporation (BBC), em 1936, chegou a transmitir vinte e quatro horas semanais para vinte mil televisores, mas a guerra interrompeu essa experiência.

1.1 História da Televisão em Portugal

A Televisão em Portugal foi criada em dezembro de 1955 e construída no ano seguinte. Às 21:30 horas do dia 7 de março de 1957, o canal inicialmente designado por Radiotelevisão Portuguesa iniciou pela primeira vez a sua transmissão com o hino nacional “A Portuguesa” tocado por uma orquestra. A primeira figura pública a aparecer em televisão foi Maria Helena Santos a saudar os portugueses. As emissões regulares foram feitas a partir de um emissor provisório dotado de uma potência irradiada de apenas 1kw, situado em terrenos da própria RTP na serra de Monsanto (Carvalho, 2009). Segundo o mesmo autor, as primeiras emissões públicas, que ainda passavam por uma fase experimental, decorriam durante cerca duas horas por dia, exceto às quartas-feiras para descanso do pessoal e das máquinas, na feira popular de Lisboa, entre 4 e 30 de setembro do ano de 1956.

No entanto, a história da televisão não tem início nos anos 50. Remontando aos anos 20, um grupo de radioamadores transmitiram imagens com movimento, embora de forma muito rápida (Bívar, 1967). As primeiras tentativas de criar um canal de televisivo ocorreram nos anos 30, por Abílio Nunes dos Santos, que foi um dos homens pioneiros na televisão portuguesa, mas este viu as suas tentativas serem rejeitas pelo governo de Salazar que era contra a criação de um novo meio de comunicação. No ano de 1946, Bordalo Pinheiro apresenta um estudo sobre a televisão (Carvalho, 2009).

Até aos anos 90 a Radiotelevisão Portuguesa foi o único canal em Portugal. Em 1968, a televisão pública tinha apenas um canal, e só nesse ano, sob o controlo de João Soares Louro, surge a RTP 2. Com este novo canal chega também à televisão nacional, em 1972, outra novidade, a cor. Este canal ao longo dos anos tem sofrido bastantes alterações, e o seu objetivo é, por vezes, ser uma alternativa ao primeiro canal e outras um complemento. A RTP Madeira, o primeiro canal regional em Portugal, iniciou as suas emissões regulares a 6 de agosto de 1972, sendo que a RTP Açores chegou a 10 de agosto de 1975 (Cádima, 2002, p. 127). A RTP foi o único canal durante 34 anos, só durante o governo de Cavaco Silva, nos anos 90, é que surgiram novos canais privados. A Sociedade Independente de Comunicação (SIC), de Francisco Pinto Balsemão, e a Televisão Independente (TVI), estação ligada à Igreja Católica, foram os canais escolhidos no concurso de atribuição de licenças a operadores privados. As primeiras transmissões foram realizadas pela SIC, em outubro de 1992 e rapidamente se tornou uma ameaça às audiências do canal público da RTP. Um ano depois da primeira transmissão, a SIC liderava o topo do programa mais visto na televisão Portuguesa, com “Chuva de Estrelas” apresentado por Catarina Furtado. A TVI iniciou as suas transmissões mais tarde e com muitas dificuldades em se impor no mercado nacional. No ano 2000, esta situação reverteu-se com a entrada de José Eduardo Moniz para o cargo de diretor-geral deste canal.

1.2. O jornal televisivo

Diariamente, são necessárias cerca de sessenta e cinco pessoas, por turnos, para a realização de uma edição de um telejornal: jornalistas, coordenadores, apresentador, realizador, “scripts”, assistentes de produção, assistentes de realização, documentalistas, secretárias de informação, operadores de câmara, operadores de som, editores de vídeo, sonoplastas, misturador de áudio, videografistas, etc. Para além desta equipa, junta-se ainda uma equipa de estúdio, dirigida por um chefe técnico e composta por várias pessoas: chefe de estúdio, caraterizador, operadores de câmara, técnicos de efeito, diretor de fotografia, eletricistas, técnicos de som, misturador de imagem, etc. Na RTP, na redação de desporto, o jornalista recebe via *Whatsapp* as tarefas do dia dadas pelos chefes da redação de desporto – Inês Gonçalves e Manuel Fernandes Silva – se o “serviço” for no exterior, o jornalista vai para o local sempre acompanhado pelo repórter de imagem. Depois de terminar, o jornalista recebe as imagens gravadas pelo repórter de imagem no seu computador, enviadas por um departamento interno denominado AGS. Após receber as imagens, o jornalista começa a construir o texto em função das imagens para a sua notícia. Para finalizar, grande parte dos jornalistas optam por editar o vídeo com um editor profissional, outros preferem fazer a edição sozinhos. Neste pequeno processo estão envolvidas cerca de dez pessoas: o jornalista, o chefe de redação, a agenda, o repórter de imagem, o editor e a equipa do AGS (servidores). Um jornal televisivo tem a duração, sensivelmente, de uma hora. Um jornal tem de ter obrigatoriamente um intervalo a uma determinada hora, se a publicidade não entrar à hora determinada, o canal sujeita-se a receber uma multa. Cada edição de um jornal aborda cerca de 20 temas diferentes de informação, sob vários géneros jornalísticos (notícias, infografismos, entrevista gravada ou em direto, reportagem, etc.).

Na tabela seguinte estão todos os códigos utilizados por um jornalista. Estes códigos são destinados somente para televisão. Ao longo do estágio todos eles foram utilizados para a produção de notícias.

Conceito	Significado
Alinhamento	Sequência de notícias de um espaço informativo
Deixa	Últimas palavras da peça
Montagem	Edição da peça
Oráculo	Informação escrita, colocada sobre as peças
<i>Off 2</i>	Sequência de imagens sonorizadas pelo <i>pivot</i>
Pintar	Colocação de imagens sobre o “esqueleto” da peça
<i>Push ups</i>	Texto que passa em rodapé
Vivo	Declarações do jornalista ou do entrevistado
<i>Voz off</i>	Sonorização / Voz de fundo das peças

Tabela 1. Conceitos e significados em linguagem televisiva (Simões e Fernandes, 2007, p. 45 e 46).

1.3. Os deveres e direitos do jornalista

Na obra *Jornalismo Televisivo* de Jean-Jacques Jaspers (1998), o autor francês menciona os principais direitos e deveres do jornalista, presentes na Declaração dos Deveres e dos Direitos dos Jornalistas adotada em 1972, no congresso de Istambul, pela Federação Internacional dos Jornalistas (F.I.J.). O autor começa por destacar onze deveres, a saber:

1. “Respeitar a verdade, sejam quais forem as consequências para ele” (p. 26).

Assim, é exigido ao jornalista a verificação ou comparação da informação.

2. “Defender a liberdade de informação, do comentário e da crítica” (p. 26). O jornalista deve ser livre de opinião, não pode deixar-se amputar no seu dia a dia, por exemplo, através da autocensura e do oportunismo.

3. “Publicar apenas informações cuja origem é conhecida” (p. 26). Não pode suprimir informações essenciais, nem alterar textos e documentos. Os boatos devem ser banidos.
4. “Não usar métodos desleais para conseguir informações, fotografias ou documentos” (p. 27).
5. Um dos deveres do jornalista “é respeitar a vida privada das pessoas” (p. 27).
6. O jornalista deve “retificar toda a informação publicada que se revele inexata” (p. 27).
7. “Manter o segredo profissional e não divulgar a fonte das informações obtidas de modo confidencial” (p. 27).
8. O jornalista não deve “plagiar, caluniar, difamar e acusar sem fundamento assim como não tirar qualquer vantagem da publicação ou da supressão de uma informação” (p. 28).
9. “O papel do jornalista não pode ser confundido com o do publicitário ou do propagandista. A confusão entre informação e publicidade ou propaganda está cada vez mais espalhada na imprensa” (p. 29).
10. “O jornalista não deve recusar qualquer pressão e só aceitar diretivas editoriais dos responsáveis da redação” (p. 29).
11. “Aceitar apenas a jurisdição dos seus pares, excluindo qualquer ingerência do governo ou outra” (p. 30)

Do mesmo modo, quer a declaração de Istambul quer Jean-Jacques Jaspers (1998), enumera os direitos dos jornalistas, destacando-se quatro:

1. O jornalista tem “livre acesso a todas as fontes de informação e o direito de investigar livremente sobre os fatos que condicionam a vida pública” (p. 30).
2. Tem o direito de recusar “qualquer subordinação que seria contrária à linha geral do órgão de informação com qual colabora” (p. 31).
3. O jornalista não tem a obrigação de exprimir uma opinião que não vá de encontro com as suas ideias ou consciência. Normalmente, nos contratos de trabalho do

jornalista existe uma cláusula de consciência. Isto é, o jornalista tem o direito de pedir a demissão recebendo indemnizações caso exista um grande desacordo entre ele e a linha editorial.

4. A redação tem o direito de ser informada “de qualquer decisão importante que possa afetar a vida da empresa” (p. 31).

1.4. O imediatismo no Jornalismo Televisivo

Jespers (1998) também aborda na obra acima referida o imediatismo como uma das limitações do jornalismo televisivo. A televisão pode, de facto, transmitir um acontecimento em direto, o que é raro acontecer. Raramente, este meio de comunicação fornece uma reportagem de um acontecimento em direto, exceto se for um acontecimento programado previamente, pelo que:

“Na maior parte dos casos a expressão “em direto” significa apenas que as imagens e os sons que se estão a ver e ouvir não são gravadas previamente. Isso não demonstra de modo algum que elas sejam significativas em relação ao acontecimento tratado. As técnicas modernas do audiovisual permitiram diminuir consideravelmente o lapso de tempo que separa a ocorrência de um acontecimento do instante da sua transmissão” (Jespers, 1998, p. 65).

O autor considera que o imediatismo coloca em causa a qualidade das notícias televisivas. Clausse (1963) “uma informação rapsódica, fragmentada, cortada aos bocados, ou seja, uma notícia de última hora pronta a consumir, mas sem qualquer seguimento constitui a matéria prima de uma espécie de salada composta de um pouco de política, um pouco de *fait-divers*, um pouco de factos da sociedade, um pouco de desporto” (p.67).

O jornalista Ricardo Noblat (2002) afirma que “nesta “sociedade da informação” e em época do difusionismo da notícia, o imediatismo, a instantaneidade e a interatividade colaboram na construção da informação jornalística e ganham formas, proporções e

repercussão gigantescas, e o público é constantemente “bombardeado” por versões contraditórias” (p. 174). Para este autor, o jornalista não deve alterar a versão inicial da notícia com o passar do tempo para que não confunda o leitor. Caso existissem alterações na notícia inicial, o leitor iria ficar com várias dúvidas no que deveria acreditar. O jornalista deve apurar todos os fatos até que não exista mais contradições. Por fim, só depois de filtrar as informações verdadeiras e falsas, o jornalista pode, assim, lançar a versão final da notícia. O imediatismo do jornalismo na internet oferece uma maior velocidade da propagação e publicação dos factos noticiosos aos leitores. No entanto, o jornalista tem perdido credibilidade perante o público devido as inúmeras incertezas e especulações que coloca nas notícias. Como o jornalista se sente obrigado a lançar a notícia o mais rápido possível para alimentar os leitores, esta é muitas vezes incompleta e imprecisa. Com a mesma opinião, o professor de Jornalismo Leandro Fortes (2005), baseando-se na ética do jornalismo, defende que quando a notícia é incerta e incompleta, é exigido ao jornalista dedicar mais tempo a apurar os fatos até que as informações estejam completas e prontas a serem divulgadas, caso não consiga, o jornalista deve desistir da notícia. É fundamental não induzir em erro o público por causa do imediatismo.

Fortes defende ainda que quando um jornalista vê que as informações “lhe parecem estranhas, imprecisas, inconsistentes ou óbvias demais [...] faz parte do bom jornalismo, sobretudo quando se trata de notícia sensível, abortar uma reportagem, por mais doloroso que seja, se ela tem falhas ou incongruências apresentadas na apuração” (2005, p. 40). Facilmente conseguimos observar que cada vez mais os jornais alteram as suas notícias quando apuram novos factos ou surgem novas fontes de informação. Isto acontece devido à pressa em informar.

Capítulo 2 – Jornalismo Especializado

Dos primeiros jornais impressos aos conteúdos digitais produzidos atualmente, o jornalismo tem passado por muitas transformações nos campos da produção, da distribuição e do consumo. Neste último campo, as exigências dos consumidores que buscam informação específica sobre determinados temas levaram ao aparecimento do jornalismo especializado. “La especialización en el periodismo atraviesa un largo proceso -muy breve si se quiere en relación a otros saberes- iniciado hace ciento cincuenta años.” (León, 2013, p.7). É no jornalismo impresso, que se começam a notar as primeiras especializações no campo do jornalismo. Numa primeira fase, podemos ver estruturas de organização dos jornais que tendem a especializar-se em diversas áreas. Mais tarde, com o aparecimento de vários jornais, tornou-se possível definir um público alvo e dedicar todos os conteúdos criados para satisfazer as necessidades deste grupo específico. Como explica Tavares (2009), “historicamente, a especialização periodista está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e à formação de grupos sociais consumidores de media cada vez mais distintos” (p. 118).

O jornalismo especializado é mais um passo na evolução do conceito *jornalismo*, partindo da ideia de uma sociedade com interesses diferentes e definida pelas especialidades. Segundo León (2013) a especialização jornalística é uma forma de organizar a informação tanto do ponto de vista dos conteúdos como do ponto de vista laboral. Numa sociedade fragmentada, em que as pessoas se interessam cada vez mais por diversos temas, o jornalismo teve que adaptar-se ao que a sociedade procura. Além de se ajustar às inovações tecnológicas, o jornalismo teve de se especializar de forma a responder aos interesses dos leitores. Muitos meios de comunicação trabalham com jornalistas especializados em cada área. Cada vez existem mais especializações dentro do jornalismo, onde se pode destacar: o jornalismo político, nacional, internacional, local e regional, técnico-científico, educacional, cinematográfico, desportivo (que é o caso deste relatório de estágio), cultural, económico, turístico, musical, teatral, entre outros (Ferreira, 2002). Estas diversas áreas começaram a ser estudadas nos cursos de

jornalismo. São vários os teóricos que se concentram na definição de jornalismo especializado.

Para León (2013) este conceito “divulga contenidos de interés para un lector cada vez más formado y exigente que busca el análisis, la contextualización, la profundidad porque tiene las herramientas técnicas que le permiten participar, opinar, dialogar con los expertos y los profesionales” (p. 15).

Por sua vez, o professor Pedro Orive, o primeiro autor que abordou o jornalismo especializado, define-o como uma estrutura que interpreta a realidade de um modo específico e aprofundado, transmitindo-a de acordo com os interesses e necessidades dos leitores (Orive & Fagoaga, 1974). Já Belenguer (2003) define o jornalismo especializado como:

“La atividade profesional periodística que consiste en informar en profundidad, explicar y divulgar a través de los medios de comunicación sobre áreas determinadas y concretas del conocimiento aplicando los métodos de investigación, redacción, formas y saberes propios del periodismo, articulados con los recursos cognitivos, teóricos y metodológicos de esas áreas concretas” (in León, 2013, p. 30).

Idoina Markina (2010), no seu trabalho *La especialización en el periodismo*, defende que:

“la especialización surge, por tanto, de la propia necesidad del ser humano por acotar el campo de su investigación y conocimiento para lograr mayores resultados. Por otra parte, el constante avance en las tecnologías de la información ha facilitado considerablemente el surgimiento de nuevos canales informativos que posibilitan una mayor difusión de los mensajes, así como una mayor segmentación de los mismos” (p. 7).

Desta forma, é exigida por parte dos recetores uma pesquisa profissional e de qualidade, o que obriga aos jornais a oferecerem serviços informativos cada vez menos generalistas e adaptando-se ao perfil e às necessidades dos usuários. Os meios de comunicação tentam responder a esta exigência de especialização informativa com diversas modalidades, tanto de canais, como de serviços e conteúdos específicos (Markina 2010). Para esta autora juntamente com Francisco Esteve Ramirez (2010), o jornalismo especializado tem três níveis. Em primeiro lugar, encontramos o nível de menor grau de especialização destinado a uma audiência mais generalista, como por

exemplo a secção de desporto num jornal diário generalista. O segundo nível encontra-se nos suplementos ou páginas especiais. Estes espaços oferecem informações específicas sobre determinada área, como por exemplo cultura, economia, desporto ou política. Um exemplo deste segundo nível de especialização são os suplementos em Espanha “*El cultural*” e “*Metrópoli*”, editados semanalmente pelo jornal “*El Mundo*”. Por último, o terceiro nível diz respeito aos meios especializados, impressos e audiovisuais, que oferecem conteúdos monográficos relativos a uma determinada área temática e que são dirigidos a um setor de leitores interessados por este tema e com conhecimentos suficientes sobre o mesmo.

Em 1989, a professora Amparo Tuñón definia o jornalismo especializado como uma disciplina científica aplicada ao estudo do processo de seleção, avaliação e produção de informações da atualidade, com vista à comunicação jornalística, nas diferentes áreas específicas do conhecimento que moldam a realidade social (Tuñón, 1989, in Quesada, 2012).

Abiahy (2000) no seu trabalho *O jornalismo especializado na sociedade da informação*, considera que é cada vez mais difícil encontrar um tema que vá de encontro ao que público deseja, uma vez que se tem a sensação que “o espaço de debate se tornou reduzido, ou melhor, o interesse pelo debate é que tem diminuído”, sendo “neste panorama que o perfil do jornalista sofre alterações, as publicações passam a dedicar-se mais a informação personalizada, portanto o jornalismo especializado tende a se desenvolver cada vez mais” (p.5).

A mesma autora considera que o desenvolvimento do jornalismo especializado para além de satisfazer os interesses dos leitores com as informações que pretendem, é igualmente uma ferramenta de lucro para os grupos de media, defendendo que: “nessa sociedade fragmentada em grupos com interesses tão dissociados entre si, em que cada qual elege suas prioridades com base não só em escolhas individuais, mas muitas vezes até individualistas. Cada grupo tem seus interesses pessoais, e até grandes acontecimentos quando focados pelos media são rapidamente considerados ultrapassados” (2000, p.5).

Também Leão (2000), citada por Neves (2016) explora o conceito de jornalismo especializado, defendendo que é uma:

“etapa de evolução da história do jornalismo em que os profissionais se dedicam a temas específicos de cobertura noticiosa. Esta forma de jornalismo sucede ao modelo generalista em que o jornalista escrevia para as várias secções do seu órgão de comunicação social. Esta tendência de especialização é um fenómeno que ainda decorre e que se acentua à medida que os próprios meios de comunicação se tornam temáticos e as audiências se segmentam em nichos que elevam a fasquia de exigência relativamente aos conteúdos das mensagens recebidas” (p. 25).

O jornalismo especializado chegou a Espanha no ano de 1970, e começou por ser uma unidade curricular no curso de jornalismo, ocupando, assim, um lugar de destaque na formação dos estudantes de Jornalismo (Moral, 2004). Nesse sentido, a Espanha neste tema do jornalismo especializado está muito mais desenvolvida em relação a muitos outros países.

Francisco Esteve Ramírez (1999) define a especialização periódica como:

“la disciplina encargada de establecer esta posible ordenación entre los distintos contenidos informativos proporcionando una síntesis globalizadora. Lo periodismo especializado es la disciplina que puede aportar una nueva visión sintetizadora frente a la actual atomización informativa producida por una superabundancia de conocimientos y saberes que están conduciendo a la sociedad actual a una absoluta incomunicabilidad y ausencia de diálogo entre los distintos actores del proceso informativo.” (p. 9).

Para um outro autor espanhol, Berganza Conde (2005), o jornalismo especializado resulta das necessidades e exigências que são cada vez mais diversas e específicas do público, que pede conteúdos específicos e que estes sejam abordados com profundidade e rigor. Para este mesmo autor, o jornalismo especializado é uma estrutura de informação que tem como objetivo analisar a atualidade de determinada área específica, através de diferentes especialidades do conhecimento.

A opinião do professor Héctor Borrat (1993), o jornalismo especializado pode estar presente em qualquer tipo de texto jornalístico (narrativos, descritivos, argumentativos), adaptar-se a qualquer linguagem (de alto nível teórico, de divulgação

ilustrada, de divulgação popular), em qualquer tipo de jornal (de informação geral e de informação seletiva: comercial, militante, académica...) e dirigido a qualquer tipo de audiência (massas, elites, especialistas).

Fernandez del Moral juntamente com Francisco Esteve Ramirez (1993) afirmam no livro *Fundamentos de la Información Periodística Especializada* a presença de seis elementos fundamentais no jornalismo especializado:

1. O jornalismo especializado é uma estrutura informativa constituída por três níveis distintos que se relacionam entre si: A macroestrutura trata de tudo que está relacionado com o sistema jurídico e político. A mesoestrutura contempla a existência de meios de informação e de comunicação diferentes, empresas de informação e grupos ou famílias de grupos mediáticos. Por último, a microestrutura, centra-se no modo de construir a realidade informativa em cada meio de comunicação através de textos jornalísticos concretos.
2. O jornalismo especializado analisa a realidade o mais profundo possível, o que em prática se traduz numa ampliação dos clássicos 6 W's da informação (o quê, quem, onde, como, quando e porquê) para incluir o *para quê* e o *para que não*.
3. O jornalismo especializado explica em profundidade a realidade social, contribuindo com o resultado da investigação do jornalista sobre as causas que podem ter originado o feito suscetível ao tratamento jornalístico e seus antecedentes imediatos.
4. O jornalismo especializado contextualiza a informação nos términos globais para transmitir a ideia do que os feitos não se produzem de maneira isolada, mas sim em relação a outros fatos que podem não ter sido destacados em outros relatos jornalísticos.

5. O jornalismo especializado elabora as suas mensagens jornalísticas utilizando o código adequado para permitir a comunicação dos especialistas com a audiência dos meios, mesmo que para ele seja necessário primeiro conseguir que se produza a comunicação dos especialistas entre si.
6. O jornalismo especializado tem em conta os interesses e necessidades de informação da audiência e trata de estabelecer com ela um diálogo social útil.

Montse Quesada (1998) considera que “ha que entender el periodismo especializado como la estructura informativa que permite dar respuesta a la tripla especialización que caracteriza al periodismo moderno: La especialización por contenidos (...) La especialización por sectores de audiencia (...) y la especialización por medios de comunicación.” (p. 18)

Este mesmo autor classifica o jornalismo especializado como “aquele que resulta de la aplicación minuciosa de la metodología periodística de investigación a los múltiples ámbitos temáticos que conforman la realidad social, condicionada siempre por el medio de comunicación que se utilice como canal, para dar respuesta a los intereses y necesidades de las nuevas audiencias sectoriales (p. 18).

Martinez de Sousa afirma que a principal função do jornalismo especializado é divulgar notícias e informações de vários tipos para os interesses da classe operária, uma classe (capitalista), desporto (futebol, boxe, etc.), função social (soldados, marinheiros, os automobilistas, artistas, financeiros, religiosos, etc.) ou ciência (medicina, biologia, astronáutica, eletrónica, etc.).

Tavares (2009) afirma que o jornalismo especializado “está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos e, por isso, permeia as reflexões sobre o campo; mas, muitas vezes, sua presença se dá mais como lugar de emergência de objetos, do que um objeto ele mesmo.” Para o autor brasileiro pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. Em primeiro lugar, a especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos tais como a televisão, rádio, impresso e online. Em segundo

lugar, pode estar associado a diferentes temas (jornalismo económico, ambiental, desportivo, científico etc.). Por fim, pode estar associada aos produtos resultantes da junção de ambos, como por exemplo (jornalismo desportivo televisivo, jornalismo cultural impresso, jornalismo científico online, etc.).

Segundo Barbeiro (2006) “qualquer que seja a especialização do jornalismo (desportivo, político, social), há que ter em conta que este não deixa de ser jornalismo independentemente de ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. A essência do jornalismo não muda porque a sua natureza é apenas uma e está intimamente ligada às regras da ética e sempre dos interesses do público.”

León (2013) enumera no seu livro *Presente y Futuro en el Periodismo Especializado* algumas competências específicas do jornalismo especializado:

- ✦ Conhecimento e disseminação das ciências nos diferentes ramos;
- ✦ Conhecimento de gírias, fontes específicas e tópicos de cada especialidade informativa;
- ✦ Destreza em tarefas jornalísticas especializadas: contextualização, interpretação, explicação e divulgação;
- ✦ Capacidade de planejar e realizar a cobertura de eventos informativos específicos para as diferentes áreas especializadas (cultura, desporto, tribunais) (p, 29).

2.1. O jornalista especializado

Segundo Carlos Elías (Revista Latina, 1999) os jornalistas especializados são também apelidados de jornalistas acostumados, isto é, estão acostumados a elaborar informação sempre sobre o mesmo tema- política, economia, desporto, ciência, etc.-, acostumados a dialogar com as mesmas fontes de informação e acostumados a aplicar as mesmas rotinas generalistas numa secção do jornal.

O aparecimento do jornalista especializado está relacionado com dois fatores, por um lado, por este exigir de si próprio com o objetivo de se superar profissionalmente e, por outro lado, a necessidade dos meios de comunicação contratarem cada vez mais profissionais com capacidade de responder adequadamente ao crescente interesse das

audiências com informações de maior qualidade e rigor profissional. Estes dois fatores traduziram-se num “notable incremento de profesionales de la información especializados en las distintas áreas del conocimiento y con una gran capacitación profesional que les possibilita ofrecer una información de una reconocida solvencia y calidad. (Esteve Ramirez ,1999 in Idoina Markina 2010, p. 15).

O jornalista especializado molda-se nas redações em função das diferentes necessidades informativas da sociedade. O público exige, cada vez mais, uma maior profundidade informativa e melhor conteúdo. Para satisfazer estas exigências são necessários profissionais instruídos nas mais diversas áreas informativas que compõe um meio de comunicação.

Montse Quesada (2001) apresenta características diferentes entre um jornalista especializado e um jornalista generalista. Dentro da especialização, o jornalista deve ter estudos complementares relacionados com a sua área para que o possibilite exercer a sua tarefa profissional. A professora Quesada, considera que o jornalismo especializado trabalha sempre a partir de fontes em primeira mão e especializadas no âmbito temático da notícia produzida pelo jornalista.

“El periodista especializado esta cada vez, mas reconocido en los medios informativos por su conocimiento de la temática propia de su área, y el dominio y control de las fuentes que la generan. Por ello se recurre con frecuencia a este profesional para que autentifique la veracidad de ciertas informaciones.” (Esteve Ramirez ,1999 in Idoina Markina 2010, p. 15).

Segundo Idoina Markina (2010) o jornalista especializado é “al que se le puede assignar la tarea de un nuevo *gate-keeper* de la informacion, ejerce una labor de selección, documentación, análisis y tratamiento de los hechos noticiosos con criterios de experto en las materias tratadas” (p. 15).

Borrat (1989) considera que o jornalismo especializado é produzido por jornalistas com experiência profissional na área da sua especialização mediante a aplicação conjunta e articulada da redação jornalística e das disciplinas específicas correspondentes a essa mesma área, tanto ao informar-se sobre ela como ao narrar e comentar as informações.

Segundo Francisco Esteve Ramirez (2010) o jornalista especializado deve ser um perito numa determinada área temática e deve conhecer as distintas funções e características do seu campo temático. O jornalista deve ser um profissional de confiança para a sua audiência, atendendo ao seu conhecimento dos feitos e das fontes geradoras de informação. Pedro Ortiz qualifica o jornalista especializado tão bom como o jornalista generalista e o melhor dos jornalistas generalistas. A especialização não divide, mas adiciona e multiplica o conhecimento do profissional. O jornalista especializado nunca deixou de ser um profissional todo terreno. (Pedro Ortiz; 1997 in Quesada; 2012). A professora Meneses (2007) conclui que a escrita de um texto de jornalismo especializado corresponde a uma situação concreta em que o jornalista ativa os seus conhecimentos teóricos e metodológicos do ramo de conhecimento ou da atividade profissional da informação. A formação do jornalista permite-lhe contextualizar o assunto e trata-lo jornalisticamente com profundidade.

Capítulo 3. – Jornalismo Desportivo

A importância social adquirida pelo desporto nas sociedades contemporâneas é um facto incontestável. Os programas e os meios de informação dedicados ao desporto são com grande diferença os mais seguidos e consumidos num grande número de países. Os meios de comunicação aproveitam o poder de atracção do desporto dando-lhe uma nova dimensão, de carácter global, e desperta os leitores a consumir este tipo de informação para sentirem-se também participantes nos êxitos da equipa local ou celebrarem a medalha ganha por um compatriota num campeonato internacional.

O jornalismo desportivo para além de ser na actualidade como a tipologia informativa com maior número de destaques especializados, também se converteu numa secção estratégica dos meios generalistas, que dedicam cada vez mais espaço ao desporto por este ser um tema com mais audiência. Cada vez mais são as publicações da imprensa, os programas radiofónicos, os espaços e canais televisivos e os meios digitais a contarem notícias de desporto, tudo por uma questão de negócio.

Ao falar de jornalismo desportivo, obrigatoriamente, temos de definir o conceito *desporto*. A definição do conceito, anteriormente citado, mais reconhecida e convencionalmente aceite é do Conselho da Europa escrita na Carta Europeia do Desporto em 1992, e diz que se entende por Desporto todo o tipo de atividades físicas que, mediante uma participação, organizada ou de outro tipo, tenham por finalidade a expressão ou a melhora da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a conquista de resultados em competições de todos os níveis. (Conselho de Europa, 1992).

Giradoux foi um pensador que mais significados deu ao conceito *Desporto*, ele define o desporto como “el esperanto de todas las razas”, “el deporte delega en el cuerpo alguna de las virtudes más fuertes del alma: la energía, la audacia, la paciencia”. E uma outra, o Desporto é um meio de aumentar a temperatura nos países frios. (Giradoux in Alcoba; 2010, p. 26).

O Desporto tornou-se um tema do jornalismo especializado, e é neste campo jornalístico que são abordadas todas as notícias sobre os mais diversos desportos (motorizados, ginástica, basquetebol, futebol, boxe, etc.).

Salviano (2010) define o jornalismo desportivo como a área de especialização que aborda todas as notícias relacionadas com as diversas modalidades desportivas. Com o objetivo de informar tudo sobre desporto ao público, respeitando sempre o código deontológico do jornalista, ou seja, o jornalista desportivo deve informar de forma imparcial e com ética. O Papa Joao XXIII a 2 de abril de 1960 em Roma se manifestou acerca do jornalismo desportivo dizendo que esta ocupa um lugar muito importante no mundo moderno e atrai a atenção de muitas pessoas.

Para Francisco Esteve Ramirez e Fernandez del Moral (1999, p.280) a informação desportiva pode se considerar como uma super área que contém tantas subáreas como o desporto tem modalidades. Consideram ainda que o grau de especialização é maior no jornalismo desportivo do que na informação generalista. Pedro Paniagua (2003) afirma que a especialização se manifesta com toda a sua intensidade na informação desportiva. Torna-se impossível um jornalista desportivo escrever sobre todas as modalidades desportivas. O jornalismo desportivo centra-se, principalmente, no futebol e nas modalidades de pavilhão (futsal, hóquei, andebol, basquetebol...). Cerca de 70% das

notícias de um jornal desportivo correspondem ao futebol por ser a modalidade mais vista em todo mundo, portanto a maior parte dos jornalistas de uma redação de desporto se dedicam ao futebol e uma menor parte se encarga das outras modalidades. A diversidade de modalidades é o que caracteriza este campo jornalístico, que exige um grau elevado de competência e especialização por parte dos profissionais com o objetivo de oferecer uma informação mais adequada, correta e bem explicada, especialmente nas modalidades que são menos conhecidas pelo público. (Torrijos, 2011).

3.1. História da Imprensa Desportiva em Portugal e na Europa

O meu estágio, na RTP, em jornalismo de informação especializou-se na área desportiva. António Alcoba é um dos autores mais conceituados do jornalismo desportivo. No seu trabalho, *Periodismo Deportivo* (2005), defende que “el deporte es tan antiguo como el ser humano, y nosotros estimamos que la cultura de la humanidad se ha constituido (...) por la actividad física de los hombres al permitirles desarrollar grandes traslados, mover pesos, salvar obstáculos, con (...) ejercicio físico voluntario: el juego” (p. 14).

Raymond Boyle (2006), afirma no seu livro *Sports Journalism: context and issues* que existe ainda pouca pesquisa e investigação sobre o jornalismo desportivo na área do jornalismo. Francisco Pinheiro (2011) no seu livro *História da Imprensa Desportiva em Portugal* relata, que na Europa, o jornalismo desportivo remonta a meados do século XIX. Inicialmente, as notícias desportivas começaram por aparecer nas publicações generalistas e mais tarde em suplementos desportivos. O interesse dos leitores aumentou pelas notícias desportivas e foram com alguma naturalidade que um pouco por toda a Europa, surgiram as primeiras publicações especializadas na área desportiva, nomeadamente em França, Espanha e Inglaterra. Em terras da Sua Majestade, que era considerado pelos outros países como uma potência mundial e pioneira na industrialização, em 1852, surge o primeiro e único diário desportivo europeu, denominado como *Sportman*, mudando de nome mais tarde para *Sporting Life*. O jornalismo desportivo apareceu pela primeira vez em 1854 em França no *Journals des*

Haras, jornal especializado em hipismo. Apesar de ter sido feita neste jornal a primeira publicação de desporto, foi o jornal de Paris *Le Sport*, em 1854, que se afirmou diante de todos os outros como o primeiro periódico desportivo generalista. “Nascendo apenas em 1892 o primeiro diário desportivo francês, que dava pelo nome de *Le Vélo*, numa época em que o ciclismo (modalidade que no final do século XIX era conhecida como velocipedia) se assumia como o “desporto nacional” em França e Itália.

“As primeiras notícias desportivas que apareceram na imprensa limitavam-se a resenhas de casos curiosos comentados por quem tinha presenciado a luta entre o cozinheiro de Lord Smith e o pasteleiro do Duque de Bridge, numa modalidade que se denominava por *Boxeo*, ele havia dado uma surra soberana com as suas próprias mãos ao pasteleiro, o que fez com que o seu mestre conseguisse ganhar a aposta para o seu amigo Duque.” (Alcoba; 2005, p. 38). Estas primeiras notícias “foram o gérmen do que mais tarde se converteria na comunicação periódica com maior audiência”. Pouco a pouco as publicações sobre o desporto foram aumentando com artigos descritivos sobre os jogos e desportos mais praticados. O ciclismo, tiro, automobilismo, aviação, corridas de cavalos, caça e pesca foram os principais temas para o surgimento das primeiras publicações de desporto.

Na península ibérica, apareceu em 1856 na Catalunha a revista *El Cazador*, tratando maioritariamente de notícias relacionadas com a caça. Porém, foi na capital, Madrid, que em 1865 nasceu o primeiro jornal desportivo espanhol, o *La Caza* (Pinheiro, 2006).

O diário mais antigo que ainda é publicado nos dias de hoje em Espanha é o *El Mundo Deportivo*, cuja primeira publicação foi feita em Barcelona no dia 1 de fevereiro de 1906. O jornal *AS* apareceu como revista semanal a 7 de junho de 1932. A *Marca* publicou o seu primeiro número a 21 de dezembro de 1938, em plena guerra civil. Por último, o jornal *Sport* apareceu mais tarde em 1979. Atualmente, são nove os diários desportivos ativos em Espanha. (Alcoba; 2005).

Apesar das primeiras publicações terem sido feitas em meados do século XIX, foi nas últimas duas décadas de oitocentos que a imprensa desportiva atingia o seu auge. Na Europa e nos Estados Unidos da América apareceram os primeiros jornais dedicados

apenas ao desporto e “a criação de colunas desportivas nos jornais generalistas, como sucedeu no diário norte-americano *New York Journal*, no francês *Le Figaro* ou no inglês *Times* (Pinheiro 2006: 27). Na europa, as vendas dos jornais dispararam acentuadamente após o aparecimento das primeiras publicações de notícias de carácter desportivo. Os jornais da concorrência para não perderem os seus clientes começaram a atribuir um espaço na sua edição para as informações desportivas.

Em relação ao resto da Europa, Portugal tardou a dar os primeiros passos na imprensa desportiva. De acordo com Curto (2006) na “transição do século XIX para o século XX, os vestígios que indicavam a existência de uma narrativa desportiva na imprensa eram muito escassos” onde “a notícia sobre desporto ocupava um espaço residual na generalidade da imprensa portuguesa” (p. 580).

Segundo Pinheiro (2011) Portugal seguiu a tendência europeia. As touradas dominavam o desporto português, “sendo mesmo apontadas por Eça de Queirós, em “Os Maias”, publicado em 1888, como o verdadeiro desporto nacional e uma grande escola de força, de coragem e de destreza” (p. 28). Entre 1641 e 1873 foram publicados mais de um milhar de jornais, mas nenhum dedicado ao desporto. As primeiras publicações desportivas tinham como tema a caça, o ciclismo e a ginástica. Em 1893, chefiado na cidade do Porto, surge o primeiro jornal desportivo titulado como *O Velocipedista*, uma revista quinzenal de oito páginas dedicada ao ciclismo, uma das principais modalidades na europa. Apesar do jornal falar, maioritariamente, sobre ciclismo havia também colunas sobre outros desportos e até alguns temas sobre a vida social.

Para Pinheiro (2011) a imprensa desportiva passou por três períodos do panorama político de Portugal. O primeiro período remete-se ao fim da monarquia portuguesa (1893-1910) que era reinada por Manuel II de Portugal. Foi durante este período que apareceu o primeiro jornal desportivo *O Velocipedista* (já anteriormente referenciado). A proliferação e a difusão de mais publicações desportivas não foram fáceis. O desporto começou a ganhar importância e a ter destaque nos jornais generalistas como *O Século* ou o *Diário de Notícias* nos finais do século XIX. Foi durante este período que apareceram os jornais *O Tiro Civil*, *Tiro e Sport*, *O Sport* e *Os Sports*. O segundo período que o autor menciona é o da primeira república. Nesta altura a imprensa desportiva ainda tinha

dificuldades em se desenvolver. Durante este período (1910-1926) apareceram seis novas publicações, onde uma delas pertence a um clube de futebol, o *Sporting*. Para Lemos (2006) é ao longo deste período que nasce o jornalismo desportivo em Portugal. Neste segundo momento referenciado por Pinheiro que surge o primeiro diário desportivo, o *Diário de Sport*, a primeira edição foi lançada 22 de maio de 1924, na cidade do porto. Infelizmente, passado dois meses e após sessenta e três números publicados o jornal fechou. Segundo Lemos (2006) “aparentemente ainda não havia público para sustentar um jornal diário” desportivo. Apesar do pouco tempo em que esteve publicado, este título abriu o caminho para uma nova forma de imprensa, que mais tarde viria a ficar bem patente na sociedade portuguesa (p. 112).

O último capítulo enunciado por Pinheiro oscila entre 1926 e 1945, da ditadura militar ao final da guerra mundial. Durante este período, o autor português caracterizou quatro novos títulos desportivos, todos eles tiveram edições superiores a mil exemplares. O jornal “O Norte Desportivo” foi o que mais se destacou. Nasceu nos anos 30 e foi um exemplo para os outros jornais. Este jornal tinha colaboradores estrangeiros e concedia espaço a notícias internacionais, principalmente, informações desportivas francesas. O jornal nortenho esteve aberto durante cinquenta anos até o aparecimento dos três principais jornais desportivos da atualidade, *A Bola*, em 1945, *O Record*, em 1949 e mais tarde, *O Jogo*, em 1985. O auge do jornalismo desportivo aconteceu em meados dos anos 40. A popularização do futebol contribuiu fortemente para a implementação e afirmação do desporto no jornalismo, que ainda hoje é, um dos principais temas abordados pela imprensa portuguesa.

3.2. O jornalismo desportivo na televisão

Como o meu estágio foi feito num canal televisivo na área de desporto não poderia deixar de abordar este tema. Desde que a televisão surgiu como um meio de comunicação, os seus avanços têm sido imparáveis. Inicialmente, haviam dúvidas se ia existir público e recetores para os outros dois meios de comunicação, a rádio e a imprensa. Os três grandes meios de comunicação se complementam, até porque a televisão passou de ser um meio informativo para ser considerado mais um meio relacionado com o espetáculo.

As primeiras transmissões desportivas televisivas aconteceram na década de 30, em diversos países. Nos Estados Unidos o primeiro desporto a ser transmitido na televisão foi o Basebol em 1935. Na Alemanha, Hitler pretendia mostrar a soberania Aariana, por isso o primeiro espetáculo desportivo a ser transmitido foram os Jogos Olímpicos de Berlim. Em terras Britânicas, o ténis foi o primeiro desporto a passar na televisão. A BBC transmitiu, em 1937, o torneio de Wimbledon para os cidadãos britânicos. O futebol foi transmitido pela primeira vez na televisão em França, em 1948. Os franceses tiveram a oportunidade de assistir ao campeonato do mundo de futebol através da televisão. (Salviano,2010)

Segundo Alcoba (2005), a importância e a adesão ao desporto por parte da população, obrigaram aos responsáveis pelos meios de comunicação social a aumentarem os conteúdos desportivos. Os meios de comunicação sentiram-se obrigados a aumentar o número de informações, uma vez que, as exigências dos clientes e recetores eram cada vez maiores. Os jornalistas desportivos começaram a ser seguidos por milhões de pessoas que os leem, os escutam e os veem. Com o passar dos anos, o desporto foi conquistando a televisão, e as transmissões das competições desportivas são as que atraem maiores audiências televisivas. Como é o caso dos Jogos Olímpicos de 1948 em Londres que cerca de 80.000 pessoas seguiram através da televisão. O jornalismo desportivo na televisão tem como objetivo informar, mas ao mesmo tempo consegue ser um espetáculo, seguramente mais espetáculo que informação. Os programas e espaços dedicados ao desporto, convertam-se hoje em dia num verdadeiro espetáculo.

Segundo Torrijos (2011) “El peso específico que tiene actualmente el deporte en la parrilla televisiva de las cadenas se manifiesta también en la propoción cada vez maior de minutos que estos contenidos ocupan dentro de los telediários” (p.232). Ao falar em jornalismo desportivo não deveria ser falar apenas sobre futebol.

Coelho (2006) afirma que “Desporto não é sinónimo de futebol. (...) O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo e por vezes de ténis” (p. 35).

Em Portugal, nota-se largamente que os canais de informação (TVI24, RTP Informação, SIC Notícias, CMTV) dão muito mais destaque ao futebol em comparação

com as outras modalidades. Analisando a programação destes canais, é possível constatar que transmitem diversos programas destinados apenas ao futebol (Trio de ataque, Mais transferências, Prolongamento, Play-off, Maisfutebol, etc.). Para além destes programas, todas as notícias de futebol passam ainda nos jornais diários. Para uma maior audiência, os canais tendem a fazer destaques relacionadas ao futebol e principalmente aos três principais clubes nacionais ((FC Porto, Sporting CP e SL Benfica).

3.3. O jornalista desportivo

Segundo as afirmações de Barbeiro e Rangel (2006) na Introdução do livro *Manual de Jornalismo Esportivo*, o jornalista desportivo ao trabalhar nesta editoria deve ser um profissional com capacidade para captar, tratar e divulgar as notícias, respeitando sempre o código deontológico do jornalismo e o interesse dos leitores. Muitas vezes desvalorizado em relação aos outros jornalistas generalistas, o jornalista desportivo consegue ser mais completo, pois consegue discutir sobre o tema Desporto, mas também tem capacidade para fazer qualquer trabalho no jornalismo generalista.

“Para se ser um bom jornalista desportivo é necessário possuir/desenvolver duas características: 1º ser um bom jornalista, respeitando o código deontológico e tudo que esse acarreta; e 2º possuir alguns conhecimentos de desporto, salientando que “não é necessário perceber tanto de futebol como o José Mourinho, ou de basquetebol como o Michael Jordan” (Costa, 2011).

“Tem de saber essencialmente de jornalismo, mas é importante que se tenha conhecimentos da área em questão. É importante que goste de desporto, mas tem de estar atento a outras áreas, porque jornalista é jornalista, tem de saber fazer política, economia, cultura, sociedade... Tem de compreender e analisar bem o fenómeno desportivo, mas fundamentalmente, tem de saber muito de jornalismo e saber usar esses conhecimentos” (Costa, 2011).

No site Hidcow (2011) podemos ler sobre a formação em jornalismo desportivo, ou seja, “uma licenciatura em jornalismo desportivo poderia melhorar a escrita e apresentação

de relatórios de um jornalista e também treiná-lo com eficiência nas áreas desportivas. Poder-se-ia assim, aprender a escrever detalhes técnicos sobre um desporto de uma forma simples. Pode-se também optar por um jornalismo não especializado na área desportiva, e fazer-se a cobertura de uma forma natural de um evento desportivo, ou de um jogo olímpico”.

A formação dos jornalistas, na maior parte das vezes, tem como base uma licenciatura na área das ciências da comunicação. Uma das características mais importantes no jornalista é a escrita, é fundamental escrever corretamente para que os leitores possam entender. Além de uma boa escrita no jornalismo desportivo é preciso também saber fazer uma análise correta de um jogo/desporto.

Ainda para este site, o jornalismo especializado em desporto é uma área em que necessita jornalistas profissionais, talentosos e qualificados. Hidcow faz referência ainda que o jornalista deve ter uma grande paixão para que possa deixar marca no jornalismo. Ser jornalista desportivo é uma profissão que exige bastante de nós próprios, mas que retribui com muitas coisas boas, o jornalista “interage com desportistas internacionais, é alvo de alguma exposição mediática enquanto viaja de um país para outro, conhece as pessoas que treinam atletas olímpicos e conquista apreciações dos leitores e fãs”.

O trabalho jornalístico no desporto, exige um tratamento profundo e pormenorizado das fontes de informação. Segundo Torrijos (2011) no livro *Presente y Futuro en Periodismo Especializado* classifica as fontes usadas pelos jornalistas desportivos da seguinte forma:

- Primárias pessoais: desportistas, técnicos, diretores de clubes, federações e organizações, agentes ou representantes, árbitros, outros jornalistas e especialistas de determinadas áreas.
- Primárias documentais: atas arbitrárias, estatísticas desportivas, informações médicas, resoluções judiciais.
- Secundárias: agencias de notícias, gabinetes de imprensa de clubes e federações desportivas, informações de outros meios de comunicação.

“O jornalista deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação,

nem desrespeitar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas. As opiniões devem ser sempre atribuídas.” (Código Deontológico do Jornalista, 1993, p.6)

Dado o grau elevado de especialização existente nas redações desportivas, normalmente, um jornalista cobre todas as notícias de determinada equipa de futebol. Este jornalista está sempre atento a atualidade do plantel e do clube, e conta com um background mais que suficiente para contextualizar, relacionar e analisar tudo o que ocorre no clube que cobre.

3.4. Linguagem Desportiva

Como já referi anteriormente, o jornalismo desportivo é a área de especialização mais seguida e procurada pelos leitores. Segundo Rojas (2011), o jornalismo desportivo ao ser uma atividade de alto impacto social, tem uma grande capacidade de influenciar a forma de fazer e dizer dos cidadãos, especialmente entre as crianças e os adolescentes, que, nos seus processos de formação integral, tomam como referência direta os gestos e expressões dos seus ídolos, que tendem a imitar. Pela natureza pedagógica do desporto em geral e pelo potencial da linguagem desportiva em particular, a função do jornalista desportivo não deve ser apenas informar e entreter, mas também educar e formar o público-alvo. Neste sentido, o trabalho pedagógico dos meios de comunicação tem que ter uma dupla orientação: por um lado, dar a conhecer o desporto em sua diversidade, tanto as modalidades menos conhecidas como as que mais interessam aos leitores; e, por outro lado, ensinar a usar bem a linguagem através do uso correto da gramática, ortografia, léxico, retórica ou pronúncia.

O jornalismo desportivo criou um novo modelo para a apresentação das informações através de uma linguagem que é visualmente impressionante, sustentado pelo suporte de imagem (fotografia, vídeo, tipografia, cor, etc.) e que é comum e de fácil compreensão por todos os leitores. A linguagem do jornalismo desportivo, destaca-se pela sua inovação. O jornalista desportivo recorre assiduamente a metáforas e outros usos figurativos da linguagem; empréstimos lexicais entre modalidades ou jogos de palavras para produzir mensagens originais e chocantes.

O desporto criou a sua própria linguagem, que se tornou familiar entre a linguagem comum da população. No entanto, os termos desportivos usados no dia a dia dependem da popularidade alcançada por cada modalidade e do espaço que esta ocupada nos média. Dessa forma, a linguagem do futebol, ciclismo, basquetebol, ténis e desportos motorizados é muito mais conhecida em comparação com a linguagem dos desportos com menos presença mediática, como é caso da ginástica, judo ou hóquei.

3.4. Os géneros jornalísticos

3.4.1. A notícia desportiva

Este é o género informativo mais básico. O seu objetivo é relatar fatos sobre os resultados de desportistas e de equipas em competições nacionais e internacionais, lesões, escândalos desportivos, etc. A notícia tem como base a máxima atualidade, a proximidade (local, regional, nacional), a notoriedade e transcendência ou interesse geral. A notícia desportiva são normalmente breves, simples e informativas. O jornalista na notícia não pode dar a sua opinião. O lead é a parte mais importante da notícia, deve conter uma informação que “chame” e “agarre” a atenção do leitor. A notícia se desenvolve e complementa com reportagens, entrevistas, análises, etc.

3.4.2. A crónica

Este é o género jornalístico que mais se identifica com o jornalismo desportivo. Segundo José Torrijos a crónica é por vezes um relato cronológico ou não cronológico de eventos que tenham sido observados diretamente pelo jornalista (cronista), que atesta o que aconteceu com o seu ponto de vista pessoal. Trata-se de um género híbrido, baseado numa grande liberdade estilística e estrutural. Ao ser um relato contado ou escrito por uma testemunha direto, os detalhes têm uma maior relevância. O cronista, por vezes, recorre a próprias vivências ou até mesmo anedotas para enriquecer e personalizar a sua crónica. Este género jornalístico requer uma grande exigência técnica no que diz respeito

ao jornalismo desportivo. O cronista deve escrever rapidamente e, ao mesmo tempo, com precisão. Requer ainda uma grande competência linguística e um domínio absoluto da história, estatísticas e do regulamento do desporto que informa.

3.4.3. A reportagem

A reportagem é o género jornalístico mais habitual no jornalismo desportivo. Segundo Albertino Cunha na sua obra *Tele-jornalismo a Reportagem* é “o levantamento em profundidade sobre fatos específicos determinados em forma abrangente e completa. É, portanto, o ato de pesquisar determinado assunto, de informar-se a seu respeito, a fim de transmiti-lo pelo noticiário da televisão.” Este é um relato informativo ou interpretativo extenso. Uma maior extensão e profundidade que a notícia e que permite uma maior liberdade estilística e estrutural. Para Marques de Melo (1985) “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (p. 65). Numa reportagem normalmente estão presentes, para além do texto principal, gráficos informativos, imagens, cronologia dos fatos, etc. Para Seixas (2009) “o fato é algo que passou, que ocorreu. O acontecimento ou ocorrência é algo em processo, que se apresenta na atualidade, ou algo que tem determinado grau de probabilidade de ocorrer. (...) O que caracteriza o fato, portanto, é o resultado de uma ação passada. Já o acontecimento é fenómeno em processo” (p. 183). Segundo o professor João de Deus, enquanto a notícia apura os fatos, a reportagem lida com assuntos sobre fatos. “As reportagens, enquanto género, não são mais interpretativas nem menos, nem mais informativas nem menos que, por exemplo, a notícia: são outro tipo de informação e outro tipo de interpretação. Melhor dito, são quase apenas uma variação temática da notícia”, (Sánchez; 1998, p. 34).

Parte II

Capítulo 1 – O Estágio

1.1 A RTP

1.1.1 Apresentação da empresa

Marcelo Caetano foi fundamental para a criação de uma rede de televisão nacional. Assim sendo, por iniciativa do governo de Salazar que foi aconselhado por Marcelo Caetano, foi constituída a 15 de dezembro de 1955, a RTP - Radiotelevisão Portuguesa, S.A.R.L.. No ano seguinte a 4 de setembro, realizaram-se as primeiras emissões ainda experimentais da RTP, a partir da feira popular, em Lisboa. No entanto, só em 1957 no dia 7 de março, precisamente as 21h30 iniciaram as emissões regulares do canal público português.

A RTP, em 1935 tinha como nome de Emissora Nacional, anos mais tarde, em 1957, passou a denominar-se como Radiotelevisão Portuguesa, S.A.R.L., mas desde de 2004 até aos dias de hoje o canal de português tem como nome Rádio e Televisão de Portugal, S.A. Antes de 2004, a Rádio difusão Portuguesa (RDP) e a RTP, eram empresas distintas. Em 2004, estas duas empresas públicas unificaram-se numa única empresa. A RTP passou a chamar-se assim, tanto na rádio como na televisão, desaparecendo assim a sigla RDP.

A evolução do canal não parou, e em 1959 a RTP tornou-se membro da União Europeia de Radiodifusão (UER). No ano seguinte, a RTP começa a transmitir para todo o território nacional. A adesão à RTP foi tão grande por parte da população portuguesa que o canal público teve que criar um segundo canal. No dia 25 de dezembro de 1968, surge a RTP2. Devido ao elevado número de portugueses no estrangeiro, a RTP no ano de 1992 criou a RTP Internacional

Portugal continental já tinha dois canais, mas faltavam os arquipélagos da madeira e dos açores. Na década de 70 foram criados dois canais regionais, em 1972 surge a RTP Madeira, três anos mais tarde nasce a RTP Açores. Estes dois canais regionais tinham o propósito de fazer chegar aos dois arquipélagos notícias sobre Portugal continental e da respetiva região.

Após a queda da ditadura portuguesa tudo mudou na RTP, o estatuto da empresa concessionária da radiotelevisão foi alterado. Em 1975, a RTP foi nacionalizada e transformada na empresa pública Radiotelevisão Portuguesa E.P. Com isto, no ano seguinte, em 1976, a RTP inaugura as novas instalações, em Lisboa.

Apesar de grande parte da população portuguesa não ter equipamentos com capacidade para emitir imagens a cor, a RTP iniciou as emissões regulares a cores no dia 7 de setembro de 1980.

Nos finais do século XX, a RTP começa a emitir no continente africano, nomeadamente nos países de língua portuguesa. A RTP, juntamente com a RDP e a agência Lusa passaram a ser uma sociedade anónima com capitais exclusivamente públicos.

A RTP em 2001 deu um grande passo ao criar um canal dedicado apenas à informação e surge a Norte Televisão (NTV) “enquanto manteve as características regionais contava com audiências que rivalizavam com as da SIC Notícias” (Jornal de Notícias, 27 de junho de 2004). Mais tarde, este canal dividiu-se e foram criados dois canais, a RTP N e o Porto Canal. Grande parte dos jornalistas da NTV passaram para a RTP N e o restante para o Porto Canal. Em 2011, a RTP N altera o nome para RTP Informação.

1.1.2 A missão do Jornalismo na RTP

Há, desde logo, que assumir as diferenças entre o jornalismo praticado numa estação de televisão privada e aquele que é praticado numa estação de televisão pública. Nessas discrepâncias está a linha editorial seguida pelos diferentes canais que molda, por sua vez, o produto apresentado ao telespectador. Não significa isto que um jornalista a trabalhar para uma estação privada deixe de cumprir o dever ético e deontológico a que está obrigado - tem que o respeitar igualmente -, mas quer isto dizer que o jornalista do

"serviço público" tem uma missão acrescida e responsabilidade maior no desempenho das suas funções por tudo o que termo implica.

Numa entrevista, em 2012, o jornalista da RTP Hélder Silva explicava que esta notória dissemelhança estava relacionada com "as exigências do público que são absolutamente compreensíveis", e que, pelo facto do canal estar "na esfera do estado e ser financiado através da taxa de audiovisual", a "maioria das pessoas sente-se dona da RTP". Faz isto com que a estação pública seja "muito mais escrutinada do que qualquer outro operador privado", explicava o jornalista. Este é claramente o ponto de partida para o caminho que a informação de serviço público tem de traçar: rigor, isenção e objetividade nos quais se devem rever o maior número de pessoas possível.

Essa missão tem de estar presente todos os dias, de mão dada aos jornalistas que dão a cara pela RTP. Entende-se, por si só, que a corrida contra o tempo possa melindrar as obrigações de um repórter que tem sempre de estar ciente desse risco. Quebra-se essa ameaça com a confirmação constante de todos os factos, ao cruzarem-se fontes várias. É por isso, do meu ponto de vista, para a informação da RTP, unicamente correto que se dê ao espectador a notícia apenas quando os dados estão devidamente confirmados, sob pena de se levantar a especulação, mesmo que, comparando com a concorrência, a notícia seja dada "em último lugar". A informação da RTP, sendo serviço público, não se pode dar ao luxo de avançar com dados inexatos só porque a concorrência também está a pôr no ar o assunto. Como é o caso das fake news, potenciadas com força pela era digital que se atravessa.

Ser jornalista na RTP é um privilégio. Digo-o com toda a certeza. Mas ser jornalista na RTP é também uma missão imensa, todos os dias, que fica à prova nas coisas que até parecem mais simples e que ao fim ao cabo se revelam as mais importantes, por exemplo, num cenário de tragédia.

Por exemplo, no último grande acontecimento em Portugal, durante os incêndios de Pedrógão Grande, foi uma missão dura para os jornalistas, desde logo pela dimensão do acontecimento a que ninguém estava habituado. Mas o país queria saber o que tinha acontecido e estava colado às televisões. A tragédia tinha que se contar, não de outra forma, com uma linguagem simples e discreta, não escondendo os factos oficialmente

confirmados. Isso faz toda a diferença na transmissão da mensagem, por mais dura que ela seja. Nesse caso, não é só a linguagem verbal que importa, mas também a linguagem visual. Não poucas vezes, foi preciso desligar a câmara porque aquilo que seria captado ia para lá da linha da dignidade. E o jornalismo não pode nunca a pisar. O repórter tem sempre que se colocar no papel das pessoas protagonistas da notícia, a fim de não atropelar a missão a que se designa.

Repito: ser jornalista na RTP é um privilégio. Mas é muito mais difícil ser jornalista na RTP do que num operador privado de televisão.

1.1.3 Instalações da RTP do Porto

A RTP do Porto situa-se em Vila Nova de Gaia no Monte da Virgem, mais propriamente na Rua Conceição Fernandes, n.º 755, desde 1959.

Entrando no edifício da RTP, no Porto, é possível encontrar, no primeiro piso, o gabinete das Relações Públicas, onde, no fundo, são recebidos todos os convidados que chegam às instalações da televisão. Todos são encaminhados depois para um 1º piso, onde passam pela sala de caracterização, isto é, pela maquilhagem. Ainda neste piso, olhando para a estrutura e relacionamento dos vários departamentos que compõem a televisão, encontram-se vários estúdios, entre os quais, o estúdio B (consultar anexo 3) - um estúdio virtual onde são feitos todos os espaços de informação realizados no Porto: Jornal da Tarde, Bom Dia Portugal, 3 às 10, 3 às 11, Jornal das 12, 18/20, Jornal 2, 24 Horas e Manchetes 3, entre outros, semanais. Como um estúdio não funciona sem régie, é também no primeiro piso que ela está. Funciona como uma sala de bastidores que está em contacto direto com o estúdio. Nela, senta-se um coordenador que define o alinhamento de cada noticiário, um realizador que chefia a emissão, tecnicamente falando, um assistente de informação, um operador de mistura, de iluminação e de som. Ao lado da regie, funciona a sala da continuidade onde se garante que a emissão nunca fica parada ou em stand-by. Os trabalhadores deste setor são responsáveis por todos os ajustes de grelha, fazendo com que não haja espaços mortos na emissão. Há também, num espaço lateral, a sala dos

engenheiros informáticos que resolvem todos os problemas técnicos que surjam no decorrer da emissão. E, em frente, ainda uma área de aquisição e gestão de conteúdos em servidor - AGS - onde os jornalistas deixam os brutos de cada reportagem que fazem. Este setor é também responsável por colocar disponíveis diversos conteúdos a fim de se usarem nas emissões. Tudo pode ficar gravado, a pedido dos jornalistas e coordenadores. Ainda no piso primeiro, funciona a sala de edição, onde existem quatro ilhas disponíveis para esse efeito. Em cada uma, está um sistema manuseado por um editor que, em conjunto com o jornalista, faz o produto final que vai para o ar, ou seja, a reportagem. Noutra parte do edifício, funciona ainda o gabinete do arquivo, que é responsável por catalogar todo o material que vai surgindo. Ao mesmo tempo, são responsáveis por cederem imagens de outras alturas, que sejam necessárias para reportagens que estão a ser feitas no momento atual. No 2º e último piso, funciona a redação (ver anexo3), onde estão os jornalistas, chefes de redação, serviço de agenda - responsável pela marcação de reportagens, e produção - responsável por toda a logística de um trabalho de reportagem.

1.2 Calendarização do Estágio

O estágio curricular na empresa Rádio e Televisão Portugal, teve uma duração de três meses, decorreu no período entre o dia 03 de setembro de 2017 e 15 de dezembro de 2017. Inicialmente, o estágio tinha uma duração de 3 meses, mas foi prolongado por mais duas semanas. O motivo deste prolongamento foi o estagiário ter começado o estágio no jornalismo generalista, e só passado duas semanas é que mudou para o jornalismo desportivo. Grande parte dos serviços dos jornalistas de desporto aconteciam ao fim de semana, por esse motivo, o estagiário folgava dois dias da semana e trabalhava aos fins de semana para poder acompanhar os jornalistas nos serviços. A carga horária dependia sempre dos serviços, mas nos dias em que não havia nada para fazer no exterior, o horário era das 10:00 até às 18:00 com uma hora para almoçar. Às terças feiras, o estagiário passava a tarde inteira com o editor de imagem a editar as peças que tinha feito ao longo da semana.

1.3 O estágio

No primeiro dia de estágio, o estagiário foi recebido, por volta das 10h, à entrada pela pessoa responsável pelos estágios. Foi-lhe dado um código que deve ser introduzido sempre que chegamos e saímos das instalações da RTP do porto. Para além disto, é criado para o estagiário um email para que este possa aceder a todo o sistema e contactar as fontes. Depois disso, foi dado a conhecer ao estagiário as instalações e a função destacada por cada sala visitada. De seguida, o estagiário ficou o resto do primeiro dia junto dos pivots para compreender o papel desempenhado por eles. Como a coordenadora de estágio estava de férias a primeira semana do estagiário serviu para conhecer melhor os jornalistas que iria acompanhar ao longo dos três meses de estágio e entender o funcionamento da redação. Todos estagiários da RTP devem no final do estágio apresentar um jornal de 30 minutos com algumas das notícias feitas ao longo dos três meses.

Após o regresso da coordenadora Fátima Faria, o estagiário começou logo por aprender todo o processo de uma notícia, desde a recolha de imagens até ao produto final. Uma notícia para ser transmitida no telejornal para milhões de pessoas passa por diversas fases. Para além dos pivots que dão a cara pela RTP, existe um trabalho árduo até ao lançamento da notícia. Diariamente, os coordenadores do noticiário fazem o alinhamento das peças que serão transmitidas ao longo do telejornal. São eles que definem o número de notícias, qual será a notícia de abertura, ou seja, seleccionam as notícias desde o início até ao fim do noticiário.

O jornalista quando vai para o exterior vai sempre acompanhado por um repórter de imagem para que este possa recolher as imagens para mais tarde “pintar” a peça. Depois das imagens serem recolhidas e o jornalista ter todas as informações necessárias, este começa a produzir o texto em função das informações. Entretanto, as imagens passam por uma secção apelidada de AGS, isto é, os servidores da RTP. Através do seu computador, o jornalista importa as imagens e começa por fazer uma selecção para mais tarde usa-las na sua peça. Após todos estes processos, o jornalista sonoriza o seu texto e

juntamente com um editor montam a peça para mais tarde ser transmitida em todos os ecrãs do país.

Como foi referido anteriormente, o estagiário por preferir o mundo do desporto mudou, por opção própria, para a secção do jornalismo desportivo. A equipa de desporto é liderada pelos jornalistas Manuel Fernandes da Silva e Inês Gonçalves, esta última era a coordenadora do estagiário após a sua mudança para este departamento.

O estagiário para a produção de notícias tinha como tarefas: ler os jornais diários impressos e consultar as notícias fornecidas pelas as agências de notícias, tais como as internacionais Reuters e Euronews e a nacional Lusa. Por outro lado, o estagiário acompanhava um jornalista no terreno para recolher material para a reportagem. Este foi um dos muitos momentos preferidos do estagiário, porque normalmente as idas para o terreno eram para assistir a jogos de futebol ou conferências de imprensa. Em reportagem, o estagiário ia sempre acompanhado por um jornalista e um repórter de imagem, à exceção da apresentação do Petit como treinador do Paços de Ferreira, em que foi depositada confiança no estagiário e este foi apenas acompanhado por um repórter de imagem. Diariamente produzíamos uma notícia que estava na ordem do dia. Produzíamos o texto, seleccionávamos as imagens e sonorizávamos, depois tínhamos como opção editar as peças sozinhos ou editar com o editor todas as terças feiras. O formando decidiu editar sozinho praticamente todas as peças, deixando a notícia mais importante feita ao longo da semana para o editor. No terreno, o estagiário fazia sempre um falso direto para depois incluir também no jornal final.

Ao longo dos três meses fomos sempre bem tratados pelos outros jornalistas, sempre foram prestáveis e prontos para ajudar. O estagiário sentiu que a equipa de desporto é mais unida do que os jornalistas generalistas.

Tudo o que é necessário para a criação de um jornal, como o alinhamento das notícias, os pivots, as notícias, os destaques e os oráculos foram inteiramente produzidos pelo estagiário para a apresentação do seu projeto final.

Este estágio serviu para comprovar a ideia que o estagiário tinha sobre trabalhar no jornalismo desportivo.

Os pontos positivos deste estágio foram a oportunidade de trabalhar com os profissionais que vemos diariamente na televisão, ficar a conhecer melhor o jornalismo desportivo e a rotina de um jornalista desta área. A criação de notícias, a edição destas, os falsos diretos e a produção do jornal final, foram tarefas que preparam o estagiário para o seu futuro profissional.

Por outro lado, os pontos negativos são escassos. O estagiário ficou com a ideia que os jornalistas de desporto saem muito menos vezes para o terreno em relação aos jornalistas generalistas. Grande parte das idas para o terreno dos jornalistas de desporto aconteciam ao fim de semana, o que impossibilitava ao estagiário de ter folgas ao fim de semana.

O estagiário fica totalmente agradecido à RTP do Porto, em especial à equipa de desporto, por todos os momentos vividos ao longos dos três meses.

Capítulo 2- Investigação

Após uma pesquisa sobre diferentes possibilidades para a realização de um projeto de investigação, o tema da imparcialidade pareceu interessante por variados motivos. São inúmeras as críticas que colocam em causa a imparcialidade da RTP (consultar anexo 1). Segundo o Relatório do Provedor do Telespectador da RTP, os telespectadores queixam-se que existe parcialidade na informação transmitida pelo canal público e acusam falta de pluralidade na escolha dos convidados para determinados programas.

Parece-nos, por esse motivo, relevante começar por definir imparcialidade. O dicionário online *Priberam* refere-a como a “qualidade daquele ou daquilo que é imparcial”, propondo cinco definições para o adjetivo imparcial, a saber, (I) “que não favorece um em detrimento de terceiro”, (II) “que revela imparcialidade”, (III) “que não tem partido”, (IV) “recto, justo” e (V) “que julga como deve julgar entre interesses que se opõem”.

A este propósito, Jaspers (1998) afirma que o jornalista tem como regra não defender nenhum ponto de vista particular, mas sim recolher e apresentar a informação de forma honesta, ou seja, sem deformação consciente. Este deve também ser rigoroso, isto é, confrontar as fontes com o apoio apenas de elementos confirmados, provenientes de fontes conhecidas. Por fim, o mesmo autor considera que o jornalista deve ser imparcial, quer dizer, não deve favorecer nenhuma corrente de pensamento.

Um jornalista de televisão tem de ter um tratamento igual das fontes de informação, isto é, deve ter o mesmo tratamento para todas as fontes e deve entregar-se a uma análise séria e contraditória de todas as fontes de que dispõe.

O jornalismo desportivo vive muito das emoções e, por isso, torna-se difícil falar sobre ele. Em Portugal, é no futebol que a paixão pelas cores do clube de cada um atinge níveis mais elevados de irracionalidade. Segundo Manuel Fernandes Silva, chefe da redação de desporto da RTP do Porto, o jornalista desportivo “respira futebol”, tornando-se muito difícil controlar as emoções, contudo não pode permitir que estas coloquem em causa a sua imparcialidade. O jornalista desportivo deve salvaguardar a sua ética profissional.

O tema da imparcialidade é bastante controverso e debatido nos dias de hoje. No jornalismo desportivo, o jornalista é muitas vezes acusado de parcial pelos adeptos ou até mesmo os chamados “treinadores de bancada”. Na maioria das vezes, quando os adeptos criticam o jornalista é sinal que o seu clube não está a obter os resultados esperados.

2.1 Questão-problema e objetivos gerais

A primeira etapa de um estudo empírico é, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), a formulação de uma questão-problema, etapa fundamental e considerada o ponto de partida para o desenvolvimento de um processo de investigação.

Desta forma, após a experiência de estágio e a realização de uma breve pesquisa, identificou-se o problema a estudar que se traduziu na seguinte questão à qual se procurou dar resposta:

Será que existe imparcialidade na cobertura jornalística da RTP nos temas relativos aos três grandes clubes de futebol em Portugal?

Para desenvolver um trabalho rigoroso definiram-se, posteriormente, quatro objetivos gerais do estudo empírico, a saber:

Objetivo 1 – Analisar as notícias referentes aos três grandes clubes de futebol em Portugal nos “Jornal da Tarde” e “Telejornal”.

Para desenvolver este estudo, começou-se por fazer uma seleção de notícias relativas ao Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal e analisar o seu conteúdo em aspetos como o número de notícias, as notícias de abertura, entre outros.

Objetivo 2 – Comparar a abordagem feita no “Jornal da Tarde” com a do “Telejornal”.

Procurou-se comparar os jornais produzidos, uma vez que as notícias do “Jornal da Tarde” são criadas na redação do Porto e as do “Telejornal” na redação de Lisboa, podendo este facto ter interferência na questão em análise.

Objetivo 3 – Identificar as conceções de uma amostra da população sobre a abordagem feita pela RTP aos três grandes clubes de futebol em Portugal.

Para aferir sobre a opinião da população relativamente ao tema em estudo, optou-se por realizar um inquérito por questionário a uma amostra, estudando-se tendências tendo em consideração o clube, a idade e a região onde vive o inquirido.

Objetivo 4 – Aferir sobre a parcialidade/ imparcialidade na abordagem da RTP a temas relativos aos três grandes clubes de futebol em Portugal.

Naturalmente, sendo este um projeto de investigação sobre a neutralidade do canal, um objetivo intrínseco à sua consecução terá de ser a resposta à questão da existência ou não de imparcialidade na abordagem às notícias relativas aos três clubes em causa.

2.2 Metodologia

Numa investigação de carácter interpretativo com as características da que se desenvolveu é necessário caracterizar a amostra e definir os instrumentos de recolha de dados.

2.2.1. Amostra e instrumentos de recolha de dados

Esta investigação recorreu à análise de notícias dos jornais televisivos do canal público português RTP. O estudo focou-se nos Jornal da Tarde (emissão que se inicia todos os dias pelas 13:00) e Telejornal (emitido diariamente pelas 20:00, exceto nos dias em que o jogo da Liga dos Campeões foi transmitido pelo referido canal, tendo o Telejornal começado às 19:00) produzidos e emitidos durante o mês de abril do ano 2018. Para além de se contabilizar o número de notícias relativas aos três grandes clubes de futebol em Portugal, também se registaram as notícias sobre os restantes clubes da primeira liga portuguesa, assim como aquelas referentes às diferentes modalidades. Optou-se por este mês por se tratar de um período em que ocorreram dois clássicos, nomeadamente SCP vs. FCP, jogo a contar para a meia final da Taça de Portugal, e SLB vs. FCP, jogo para o campeonato português. Para além disso, no mês de abril também se verificaram vitórias e derrotas com os três grandes clubes de futebol de Portugal. Este foi ainda um mês sem paragens para as três equipas, uma vez que não houve jogos da seleção. Para proceder à recolha de dados recorreu-se ao inquérito por questionário (anexo 2). A amostra é constituída por cem pessoas, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos, residentes em Portugal. Os inquiridos responderam ao inquérito *online*, através da plataforma *Formulários do Google*. De todos os participantes selecionaram-se aleatoriamente cem, sendo que houve uma preocupação em analisar o mesmo número de adeptos de cada um dos três grandes clubes de futebol de Portugal, com o intuito de reduzir as variáveis.

2.3 Análise de dados

2.3.1. Análise das gravações

Neste subcapítulo, começaremos por analisar as gravações dos “Jornal da Tarde” e “Telejornal”. Para tal, recorrer-se-á, acima de tudo, a gráficos de barras para, depois, inferir sobre as diferentes temáticas.

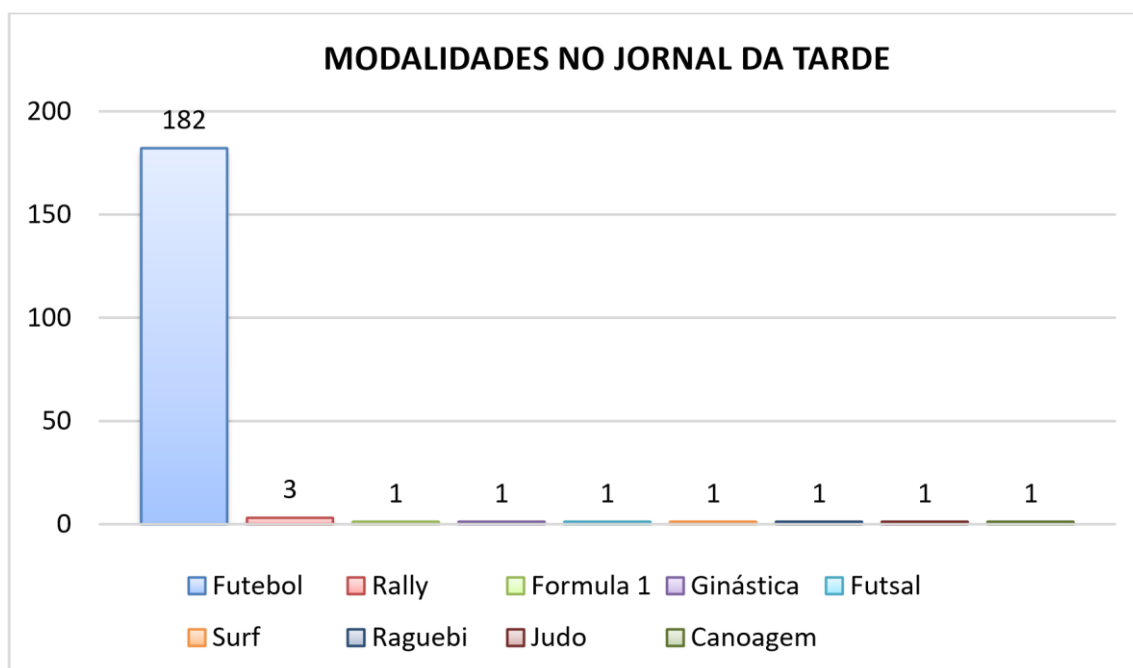


Gráfico 1 – Número de notícias das modalidades no Jornal da Tarde no mês de abril

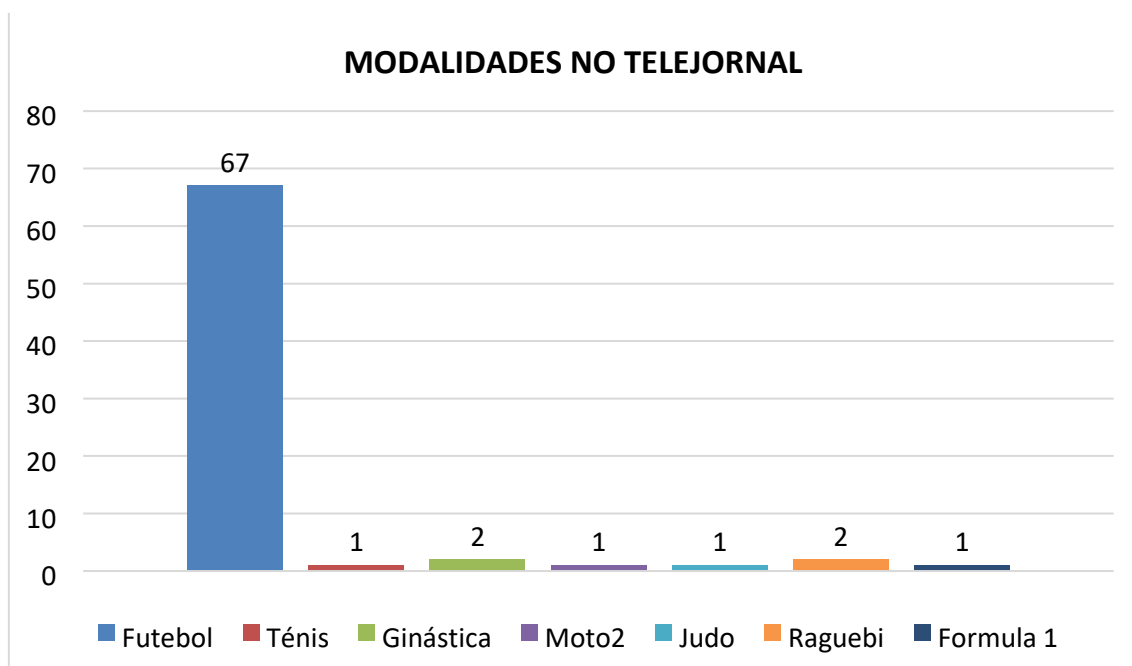


Gráfico 2 – Número de notícias das modalidades no Telejornal no mês de abril

Como já vários estudos comprovaram, o jornalismo desportivo centra-se muito numa modalidade – o futebol –, talvez porque é a modalidade de maior interesse para grande parte da população e o jornalismo tem, em parte, de responder aos gostos e expectativas dos telespectadores. Este estudo focar-se-á, naturalmente, no futebol. Como podemos verificar, há uma maior preocupação com a transmissão de notícias desportivas no “Jornal da Tarde” do que no “Telejornal”, sendo o número de notícias desportivas no primeiro significativamente superior ao dobro das notícias no segundo.

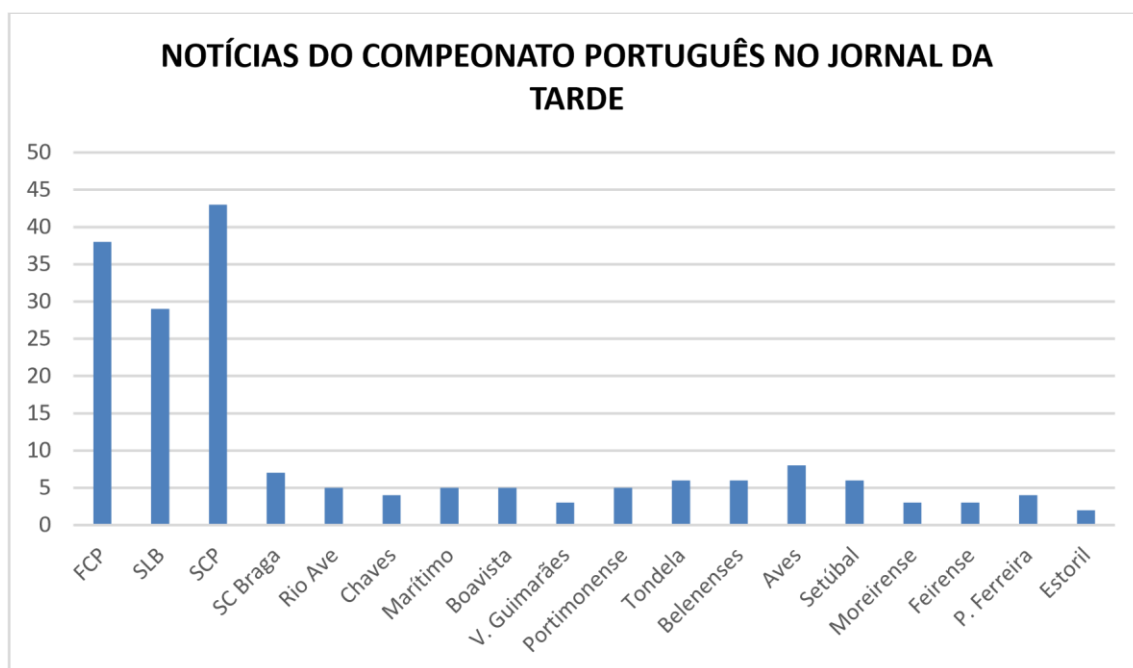


Gráfico 3 – Notícias dos diferentes clubes do campeonato português no Jornal da Tarde no mês de abril

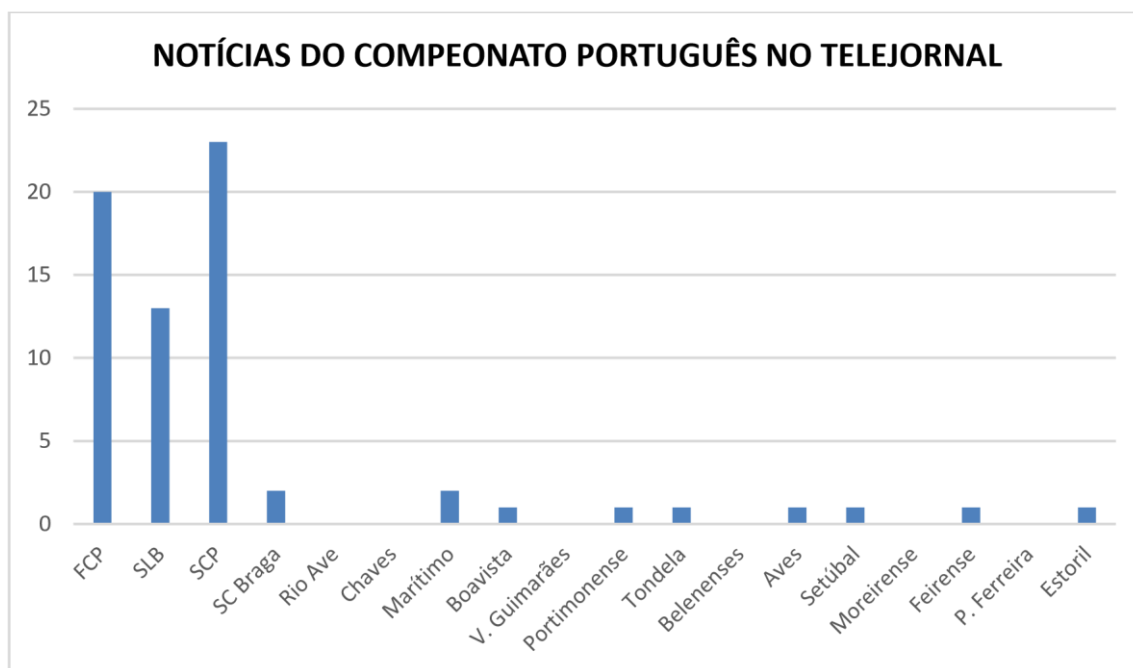


Gráfico 4 – Notícias dos diferentes clubes do campeonato português no Telejornal no mês de abril

Da análise dos dois gráficos acima, verificamos que o número de notícias dedicadas aos três grandes clubes de futebol de Portugal é muito superior às restantes equipas do campeonato nacional, conclusão que se retira de ambos os jornais. No seguimento do que concluímos anteriormente, há mais notícias desportivas no “Jornal da Tarde”, pelo que no mês de abril houve pelo menos uma para cada um dos clubes, ao contrário do que acontece no Telejornal, no qual, durante esse mês, existiram seis equipas que não tiveram qualquer tipo de notícia.

Importa ainda salientar que as equipas “pequenas” só têm destaque quando jogam com um dos três grandes e ao fim de semana nos resumos da jornada, exceto o Aves, formação que não jogou com nenhuma das três grandes equipas durante o mês de abril, tendo, porém, sido finalista da Taça de Portugal, motivo pelo qual é a que tem mais notícias no “Jornal da Tarde”.

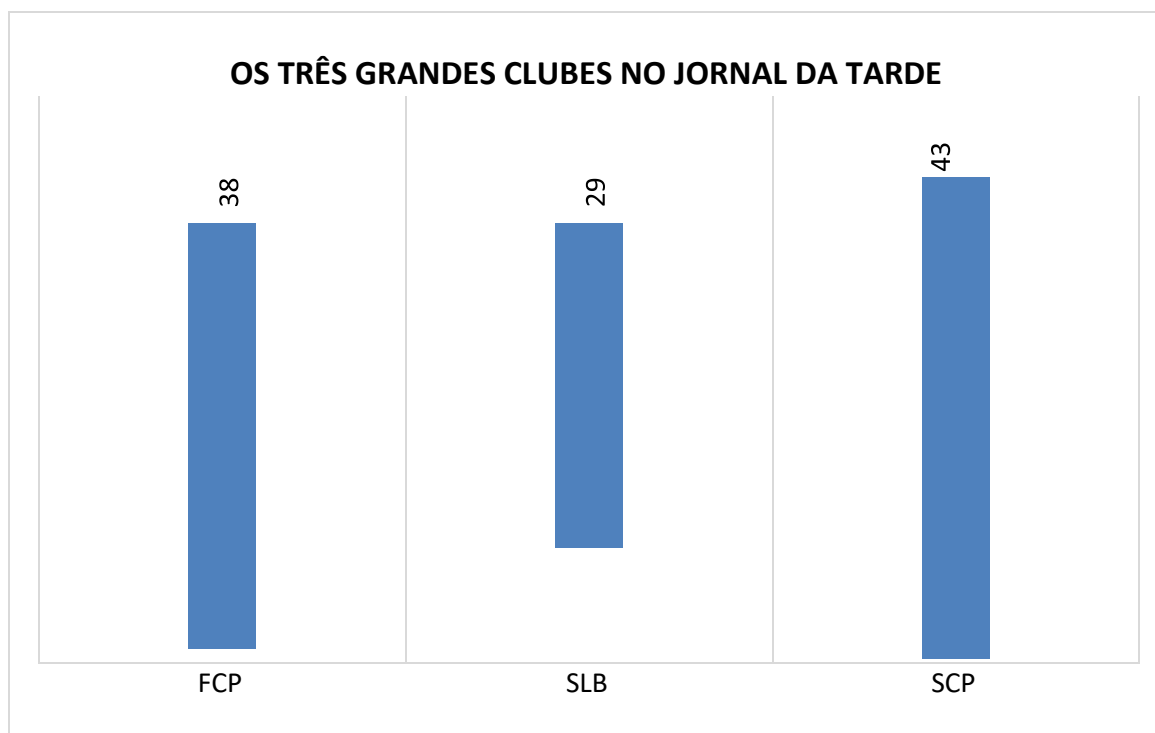


Gráfico 5 – Número de notícias dos três grandes clubes de futebol de Portugal no Jornal da Tarde no mês de abril

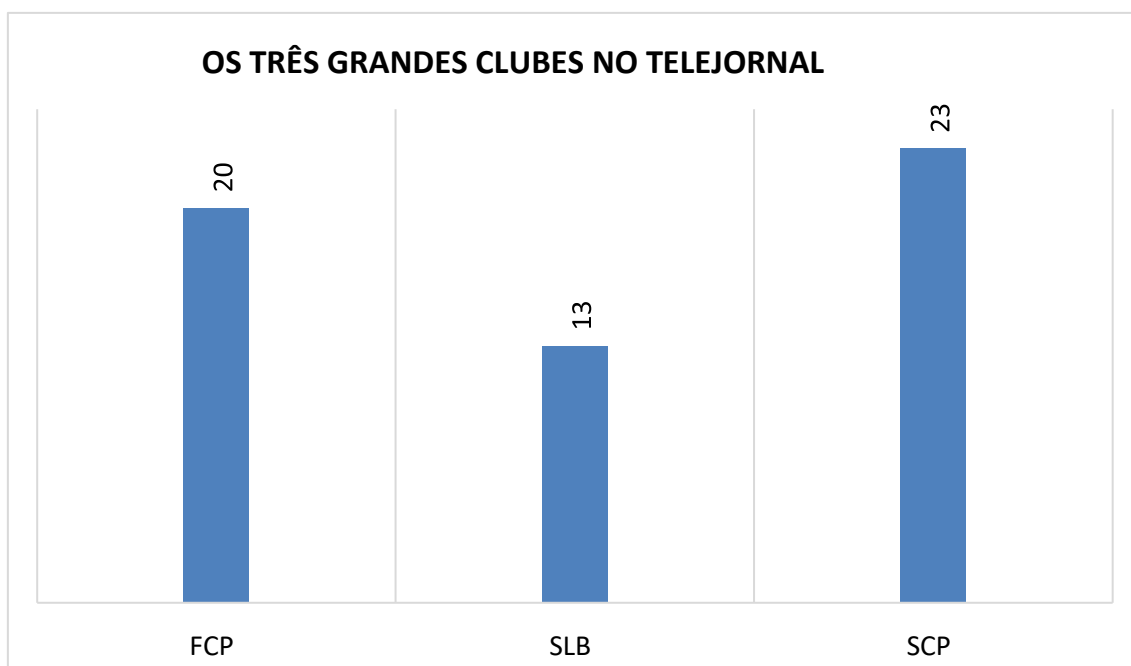


Gráfico 6 – Número de notícias dos três grandes clubes de futebol de Portugal no Telejornal no mês de abril

Focando-nos agora na análise do número de notícias sobre cada um dos três grandes clubes de futebol de Portugal, é importante referir que no mês de abril o FCP completou seis jogos, sendo um deles para a Taça de Portugal e os restantes para o campeonato; o SLB disputou quatro jogos, todos eles para o campeonato, embora tenha também um jogo no último dia do mês de março, que foi noticiado a 1 de abril; por fim, o SCP jogou sete vezes, uma delas para a Taça de Portugal, duas para a Liga Europa e as restantes para o campeonato nacional, sendo que competiu ainda uma vez a 31 de março, jogo noticiado apenas em abril.

Posto isto, podemos verificar que a equipa com maior destaque é, em ambos os jornais, o Sporting Clube de Portugal, o que se pode explicar tendo em conta quatro motivos: (I) a equipa de Alvalade atravessou um período de crise após a polémica entre o presidente do clube nessa data, Bruno de Carvalho, e o plantel; (II) o SCP jogou com o FCP na meia final da taça de Portugal, tendo disputado um clássico; (III) o clube em causa foi finalista da taça de Portugal; (IV) a equipa leonina jogou para as competições europeias no mês em análise. O segundo clube dos três grandes com maior destaque foi

o FCP, quer no “Jornal da Tarde” quer no “Telejornal”, o que se pode explicar pela disputa de dois clássicos, um frente ao SLB e outro contra o SCP. O SLB foi o clube menos noticiado no mês de abril, possivelmente por ter sido aquele que menos jogos fez e apenas para uma competição, ao contrário das duas equipas adversárias.

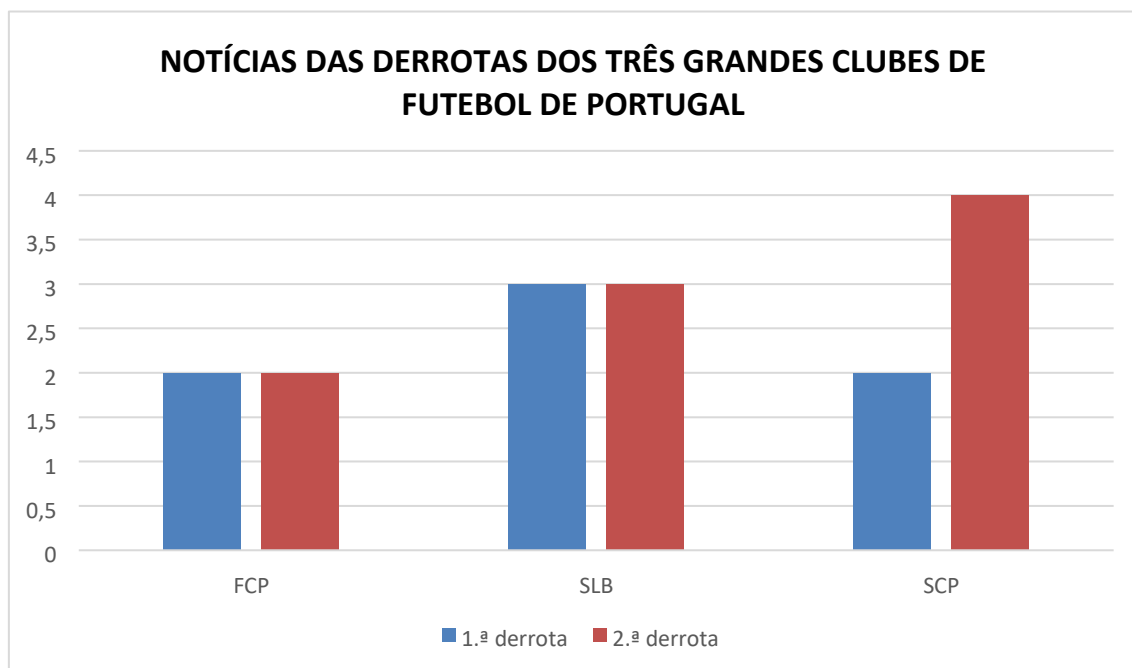


Gráfico 7 – Número de notícias no dia após derrota de cada uma das três grandes equipas de futebol de Portugal no mês de abril

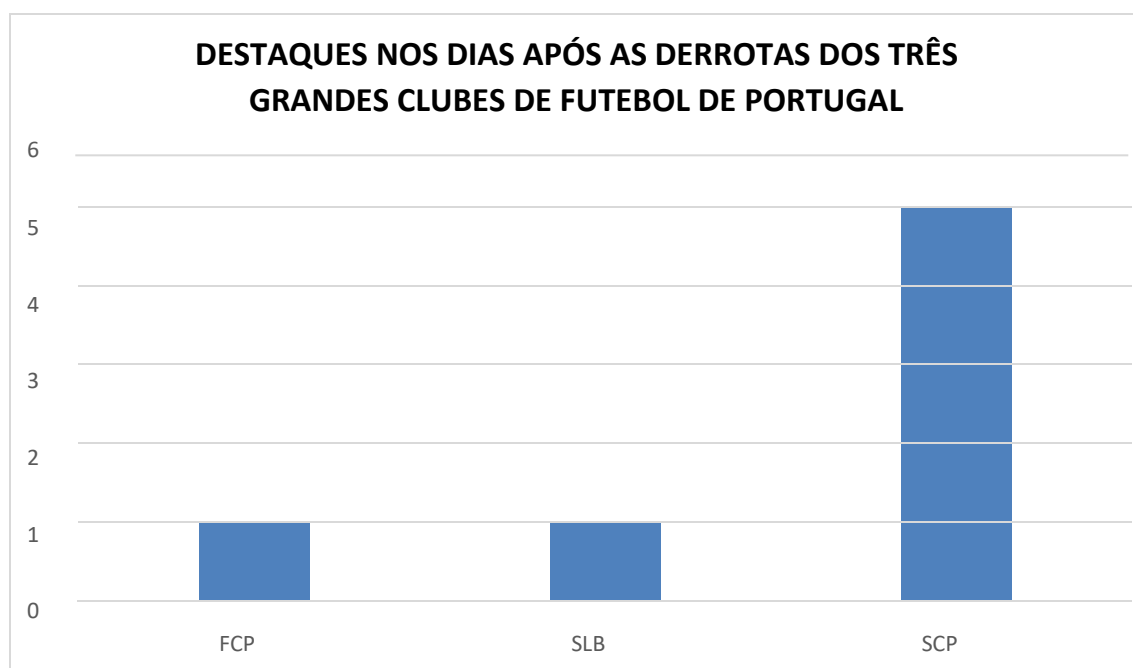


Gráfico 8 – Número de destaques para cada uma das três grandes equipas de futebol de Portugal no dia após as suas derrotas no mês de abril

No decorrer do mês de abril, cada uma das equipas em análise teve, coincidentemente, duas derrotas. O FCP perdeu frente ao Belenenses tendo merecido o destaque “FC Porto perde liderança” e contra o Sporting, embora a notícia de destaque neste caso se tenha focado no adversário: “Sporting na final da Taça”. Pelas duas derrotas o clube teve duas notícias. Por sua vez, o SLB perdeu contra o FCP, acontecimento que não mereceu nenhum destaque apesar de ter sido notícia três vezes. Neste dia, o destaque foi para a vitória do SCP. A equipa da Luz perdeu ainda frente ao Tondela, derrota que mereceu ser notícia de abertura do “Jornal da Tarde”, com o destaque “Benfica mais longe do penta”, seguida de três notícias sobre o desaire. O SCP perdeu contra o Braga, tendo tido duas notícias e um destaque: “Sporting perde em Braga”. Ainda no mês de abril, a contar para as competições europeias, o clube leonino perdeu frente ao Atlético de Madrid, merecendo dois destaques sobre o risco na competição e a polémica em que o clube estava envolvido na época e quatro notícias.

Tendo em conta a análise realizada no “Jornal da Tarde” é perceptível que os clubes de Lisboa mereceram mais notícias nos momentos de perda. Quando analisamos os destaques, o panorama altera-se ligeiramente, já que o SCP se evidencia com cinco, ao invés do FCP e SLB que têm apenas um cada. É de salientar que destes cinco destaques, dois deles foram positivos.

2.3.2. Análise dos inquéritos por questionário

Importa agora focar a análise nos inquéritos por questionário aplicados, num total de cem inquiridos.

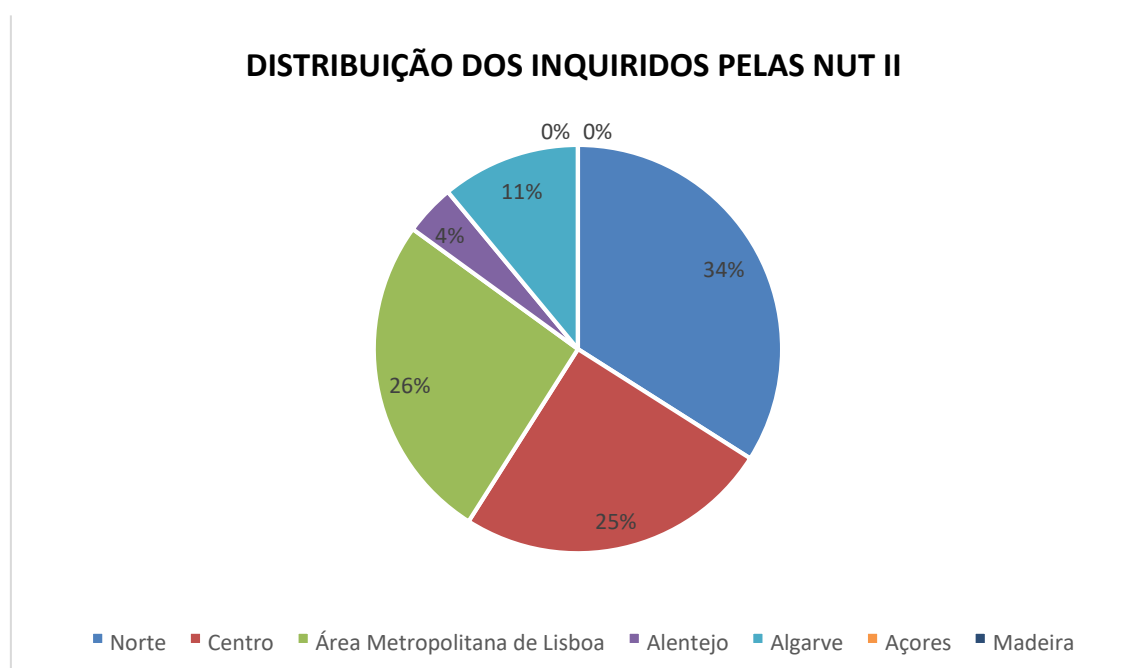


Gráfico 9 – Distribuição dos inquiridos pelas NUT II do país

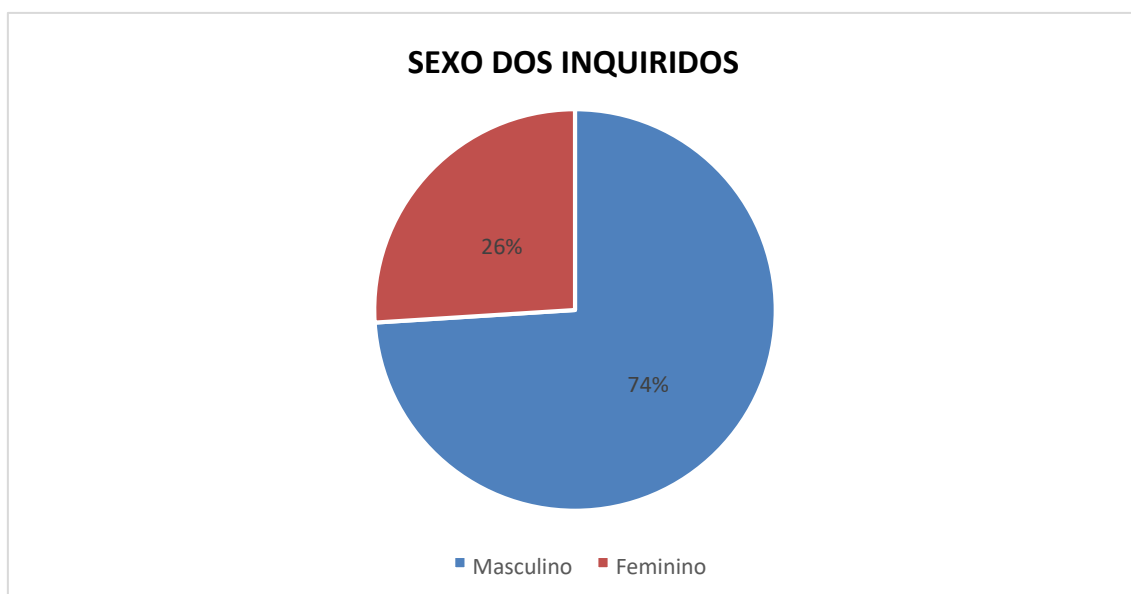


Gráfico 10 – Sexo dos inquiridos

Os inquiridos seleccionados aleatoriamente estão principalmente divididos por três regiões: norte, centro e área metropolitana de Lisboa. O Alentejo e o Algarve têm uma percentagem de participação mais reduzida e nenhum dos inquiridos era da Madeira ou dos Açores. No que diz respeito ao sexo, a maioria dos participantes (74%) são homens.

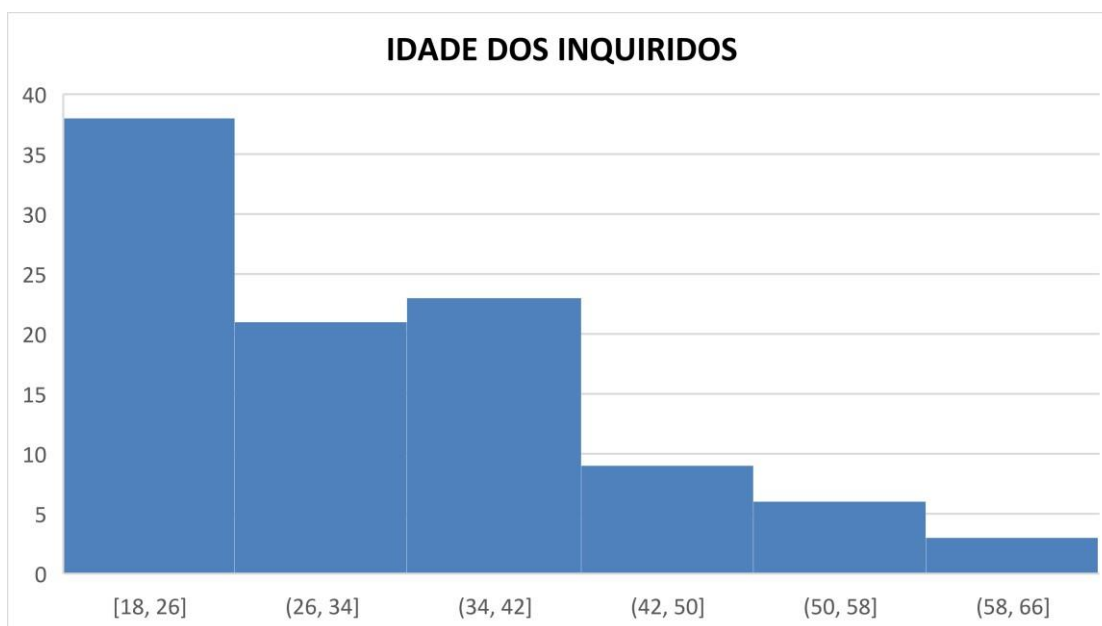


Gráfico 11 Idade dos inquiridos

Os inquiridos têm idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos, sendo que a maioria deles tem menos de 41 anos.

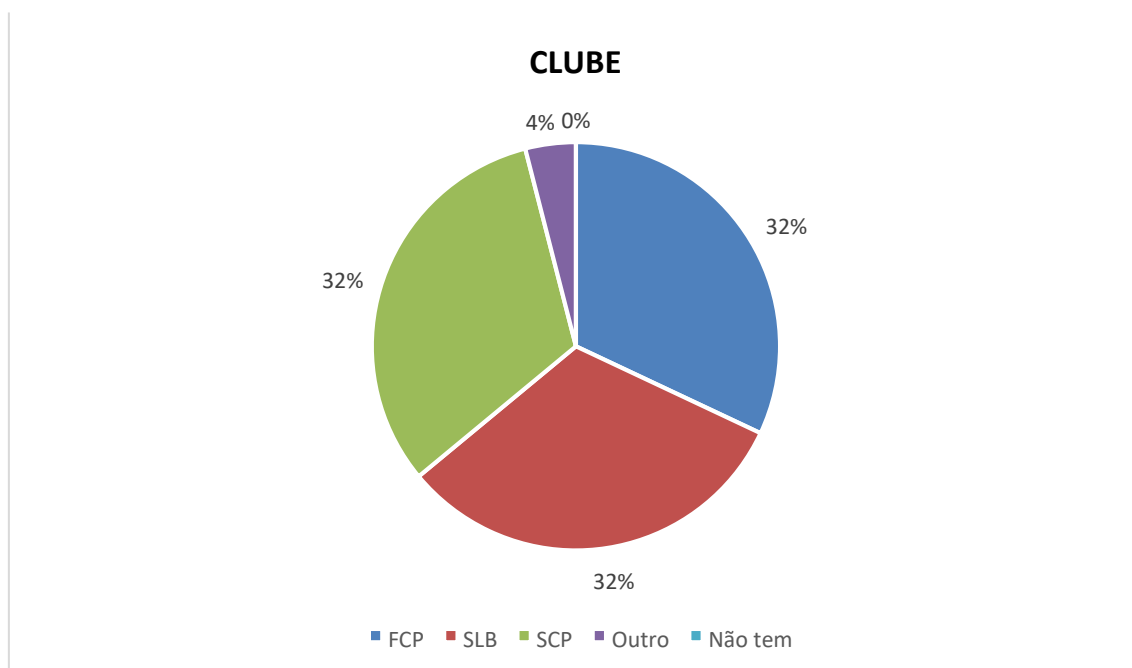


Gráfico 12 – Clube dos inquiridos

De todos os inquéritos respondidos, selecionaram-se, aleatoriamente, 32 de cada um dos três grandes clubes de futebol em Portugal em análise. Analisaram-se ainda 4 participantes cujo clube não é nenhum destes, tendo dois inquiridos identificado o SC Braga, um o Belenenses e outro o Boavista. Nenhum dos inquiridos referiu não ter clube.

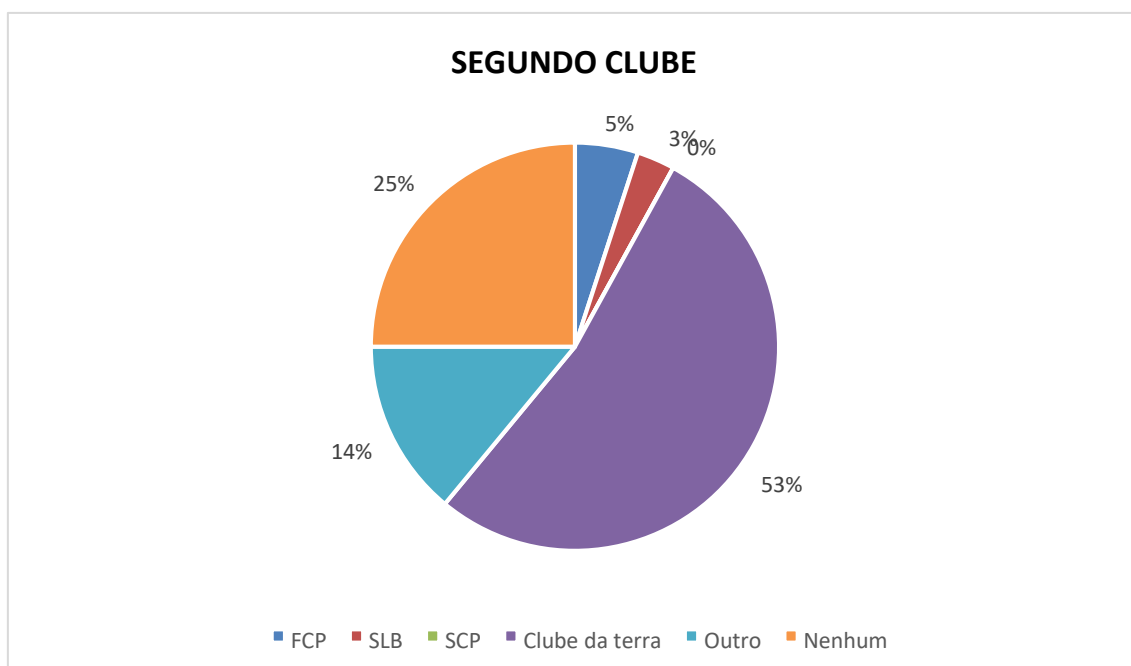


Gráfico 13 – Segundo clube dos inquiridos

Após a análise do gráfico, é evidente que a maioria dos inquiridos tem uma segunda paixão futebolística (75%), sendo que em 53% dos inquiridos essa admiração é por um clube da terra. Uma pequena percentagem dos participantes refere um outro clube da primeira liga que não um dos três grandes ou um clube estrangeiro. Apenas 8% dos participantes apontam um dos três grandes clubes de futebol de Portugal como o segundo clube, sendo que destes a maioria são mulheres com baixo nível de fanatismo. Estas apontam a influência do parceiro, outro familiar ou amigos e a proximidade com o estádio. No caso dos homens, também se verifica um nível de fanatismo baixo, embora os motivos sejam diferentes: o gosto pela boa prática de futebol e conhecimento dos jogadores.

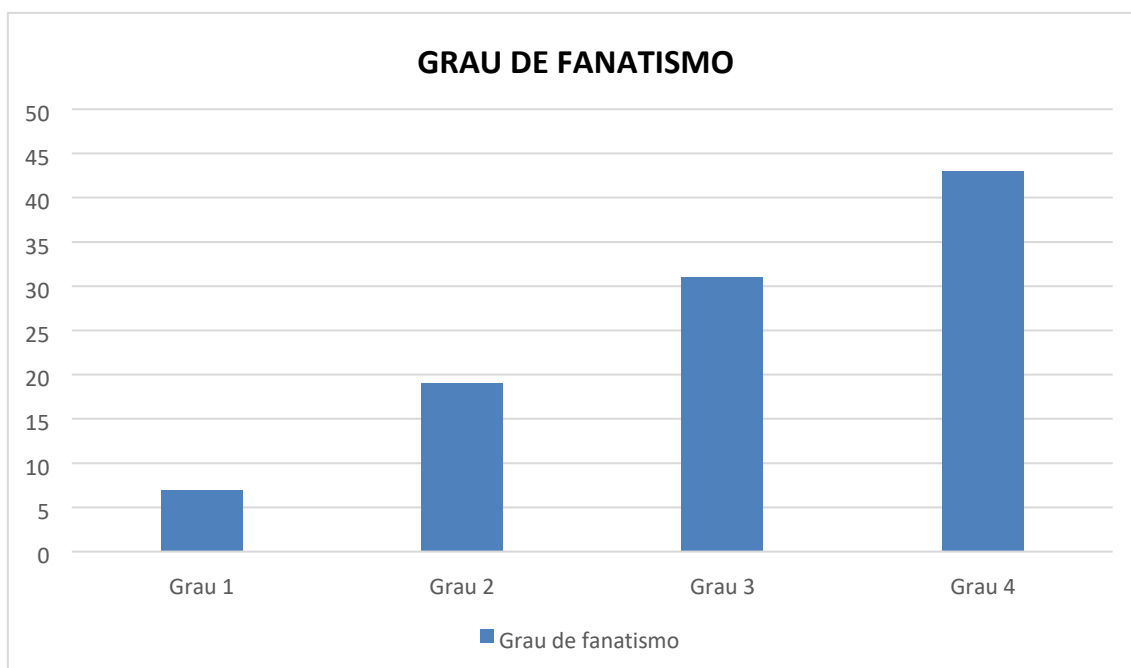


Gráfico 14 – Grau de fanatismo dos inquiridos

Após a análise dos questionários, podemos constatar que uma parte significativa dos inquiridos se considera muito fanático, importando referir que de 43 indivíduos que selecionaram este grau de fanatismo, apenas 4 são do sexo feminino. Dos participantes, apenas 7 escolheram o grau de fanatismo menor, sendo a maior parte mulheres com idades superiores aos 35 anos.

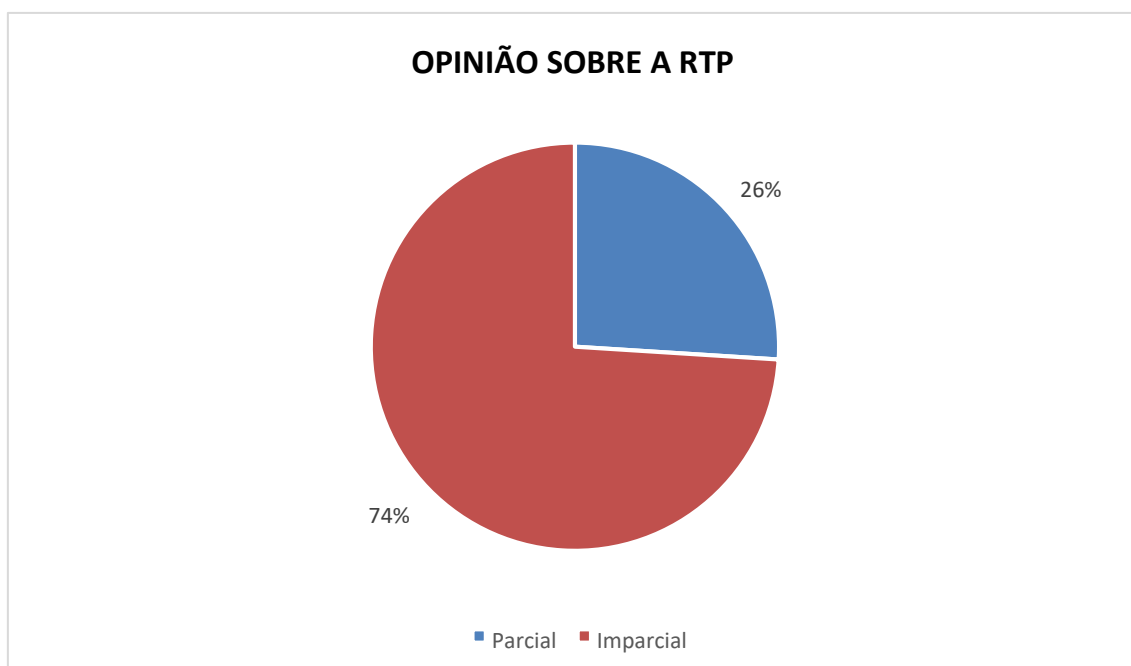


Gráfico 15 – Opinião dos inquiridos sobre a parcialidade/ imparcialidade da RTP na abordagem aos três grandes clubes de futebol de Portugal

Pela análise do gráfico, é bem visível que a maioria dos participantes considera que a RTP não é parcial na abordagem às temáticas referentes às três equipas em estudo. Contudo, 26% dos inquiridos não tem a mesma opinião, defendendo que o canal público tem preferências. Destes participantes, a maioria são homens com o grau de fanatismo máximo que não têm segundo clube. As justificações para a parcialidade são variadas: alguns referem que o canal e jornalistas ou comentadores apoiam mais um clube do que outro, evidenciando no seu trabalho os gostos pessoais; outros apontam que em épocas dos jogos da Liga dos Campeões o canal transmite maioritariamente jogos dos outros clubes; há ainda indivíduos, nomeadamente os que não são adeptos de nenhuma das três grandes equipas, que entendem que o canal é parcial porque dá mais importância aos três grandes clubes de futebol de Portugal do que aos restantes do campeonato.

2.4. Reflexões e conclusões

Para melhor organizar e refletir sobre a investigação realizada, iremos estruturar este subcapítulo de acordo com os objetivos estabelecidos para o desenvolvimento deste estudo.

Deste modo, no que diz respeito ao objetivo 1, pretendia-se analisar as notícias referentes aos três grandes clubes de futebol em Portugal nos “Jornal da Tarde” e “Telejornal”. Conclui-se que, como já seria de esperar, é evidente a preferência por noticiar as três grandes equipas em detrimento das restantes formações do campeonato português. No entanto, quando se compara a abordagem que é feita a cada um destes três clubes de futebol através do número de notícias dedicadas a cada um deles e dos destaques que merecem, não há dados suficientes para concluir que existe parcialidade na cobertura jornalística, isto é, não há evidências de que haja uma preferência por um dos três clubes, uma vez que apesar de os números nem sempre coincidirem, encontram-se fatores externos que podem justificar a maior importância dada a um determinado clube numa determinada altura, como por exemplo o caso polémico entre Bruno de Carvalho e o plantel no Sporting Clube de Portugal.

O objetivo 2, por sua vez, consistia em comparar a abordagem feita no “Jornal da Tarde” com a do “Telejornal”, uma vez que se acreditava que o facto de serem produzidos numa cidade diferente (o “Jornal da Tarde” produzido no Porto e o “Telejornal em Lisboa) poderia influenciar o tipo de abordagem feita aos clubes, dando, por exemplo, preferência à equipa da região onde o jornal era feito. Após análise detalhada das notícias de cada um dos jornais no mês de abril, concluímos que o jornalismo desportivo é uma maior preocupação do “Jornal da Tarde”, noticiando sempre em maior número sobre os três clubes em estudo, podendo ainda afirmar-se que há dias em que o “Telejornal” não transmite qualquer tipo de notícia desportiva sobre os três grandes e na maior parte das emissões não transmite notícias sobre os restantes clubes do campeonato português. Ainda acerca deste objetivo, é importante afirmar que não há diferenças na abordagem às três instituições pelos dois jornais, sendo que o clube mais noticiado é sempre o SCP, independentemente da cidade onde o jornal é produzido.

Um outro objetivo deste estudo era a identificação das conceções de uma amostra de cem pessoas sobre a abordagem feita pela RTP aos três grandes clubes de futebol em Portugal. Conclui-se que a maioria dos inquiridos considera o canal isento na cobertura jornalística, ainda que haja uma percentagem significativa dos participantes que aponta parcialidade à RTP, afirmando que transmitem mais jogos da Liga dos Campeões de um clube do que de outro ou que os jornalistas e os comentadores não são neutros e refletem as suas preferências. Importa salientar que esta posição dos inquiridos se pode justificar pelo elevado grau de fanatismo, o que pode, por vezes, perturbar a real interpretação das notícias transmitidas. A maior parte dos participantes que referiu considerar a RTP um canal parcial na abordagem aos três grandes clubes de futebol de Portugal era adepto do Futebol Clube do Porto.

O quarto e último objetivo da investigação era aferir sobre a parcialidade/imparcialidade na abordagem da RTP a temas relativos aos três grandes clubes de futebol em Portugal, objetivo que está intimamente ligado à questão-problema levantada por este estudo: *Será que existe imparcialidade na cobertura jornalística da RTP nos temas relativos aos três grandes clubes de futebol em Portugal?*. Após análise e resposta detalhada aos três objetivos anteriores e tendo em consideração todos os dados recolhidos e interpretados para realizar esta investigação, podemos afirmar que a RTP é um canal imparcial na abordagem às três equipas em estudo. Para além das evidências já apontadas, é de destacar que os jornais seguem sempre o mesmo tipo de procedimento na cobertura de um jogo clássico/ dérbi e uma outra estratégia na cobertura de outros jogos do campeonato. Deste modo, um clássico ou um dérbi merece sempre uma notícia a informar sobre o árbitro da partida; posteriormente, é feito um direto dentro do estádio onde o jogo se irá realizar, durante o qual o jornalista lança duas notícias sobre a conferência de imprensa de cada um dos dois técnicos das equipas que vão a jogo; seguem-se mais dois diretos, sendo que um deles é realizado na entrada do hotel onde está instalada a equipa visitante e o outro no centro de estágios da equipa visitada; para finalizar, é novamente feito um contacto em direto com o jornalista que está no interior do estádio para que este conclua todas as informações sobre o jogo. Quando se trata de um outro jogo do campeonato entre um “grande” e um “pequeno” a estratégia seguida pela RTP passa por

no dia anterior ao jogo mostrar as reações dos dois treinadores na conferência de imprensa e no dia seguinte à partida mostrar o resumo e as declarações dos treinadores no *flash interview*.

Esta divergência demonstra a parcialidade na abordagem feita às três grandes equipas de futebol de Portugal quando comparada com a que é feita às restantes equipas do campeonato português. No entanto, não nos permite afirmar que essa parcialidade se mantém quando se trata da cobertura jornalística de cada um dos três grandes clubes.

Considerações finais

O presente relatório reflete todo o percurso de formação para ser jornalista, um percurso longo e carregado de aprendizagens, quer na componente teórica do Mestrado em Ciências da Comunicação, variante em Estudos de Média e Jornalismo, quer na parte prática concretizada através do estágio integrado.

Neste último capítulo do trabalho, começa-se por destacar a importância das unidades curriculares que fazem parte do mestrado frequentado, por terem contribuído com referenciais teóricos relevantes para a construção do perfil de jornalista que o estagiário pretende ser. Paralelamente, estas ajudaram também a definir o percurso da investigação que se realizou, principalmente a unidade curricular “Seminário de Jornalismo Especializado”, que deu a conhecer diferentes especializações do jornalismo, sendo o jornalismo desportivo a que mais fascinou.

Por sua vez, o estágio permitiu fazer a ligação entre teoria e prática, redimensionando todos os conceitos estudados e explorados e atribuindo-lhes um outro sentido. O estagiário teve oportunidade de colaborar com a RTP, experiência muito enriquecedora uma vez que lhe permitiu conhecer o jornalismo televisivo e trabalhar com grandes profissionais que vemos diariamente na televisão. Esta fase proporcionou ainda momentos de criação de notícias, preparação de falsos diretos e edição de imagem, tudo tarefas que prepararam o estagiário para o seu futuro profissional.

A realização deste relatório também foi um passo de grande importância. Para além de representar um momento de organização e redação daquilo que foi a experiência de estágio vivida, contempla o confronto dos quadros teóricos explorados com a sua aplicação na prática, tornando-se um documento de consciencialização e de aprendizagem.

Este documento contempla também uma componente investigativa que integra um estudo sobre a (im)parcialidade da RTP na cobertura jornalística aos três grandes clubes de futebol de Portugal: o FCP, o SLB e o SCP. Trata-se de um estudo atual que conclui, por um lado, através da análise de dois jornais durante um mês, que o canal público é

imparcial por não demonstrar preferência por determinado clube, e, por outro, que a maioria de uma amostra de cem inquiridos tem a mesma opinião.

Por tudo isto, o estagiário enriqueceu a sua experiência profissional e pessoal, o que irá certamente contribuir para o melhor desempenho das funções no seu futuro enquanto jornalista.

Referências bibliográficas

Abiahy, A. (2005). O jornalismo especializado na sociedade da informação. Portugal: BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.

Alcoba, A. (1993). Cómo hacer periodismo deportivo. Madrid: Paraninfo.

Barbeiro, H & Rangel, P. (2006) Manual do jornalismo desportivo. São Paulo: Contexto.

Berganza Conde, M. (2005). Periodismo Especializado. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias.

Borrat, H. (1993). “Hacia una teoria de la especializacion periodística” (nº15). Barcelona: Universidad Autónoma.

Boyle, R. (2006). Sports journalism. London: Sage Publications.

Cádima, F. (2002). Televisão, serviço público e qualidade. Lisboa: Observatório, n.º 6.

Carvalho, A. (2009). A RTP e o serviço público de televisão. Coimbra: Almedina.

Clausse, R. (1963). Le journal et l’actualité. Verviers: Marabout Université.

Coelho, P (2004). Jornalismo esportivo. 2.ed São Paulo: Contexto.

Costa, J. (2001) ‘La comunicación en acción. Informe sobre la nueva cultura de la gestión’. Barcelona: Paidós

Esteve, F. & Fernández del Moral, J. (1999). Áreas de especialización periodística. Madrid: Fragua

Fernández del Moral, J. (1983). em: Quesada Pérez, M. (1998). Periodismo Especializado. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias.

Ferreira, R. Jornalismo Especializado – jornalismo científico: análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar. URL: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18876/1/2002NP9ferreira.pdf>

Fortes, L. (2005). Jornalismo Investigativo. São Paulo: Contexto.

Francisco Sánchez, J & López Pan, F. (1998). Tipologías de géneros periodísticos em España. Hacia um nuevo paradigma. Universidade de Navarra: Comunicação e Estudos Universitários.

Hicow. (2011). Jornalismo desportivo, Brasil. Acedido através da Internet. URL: <http://pt.hicow.com/jornalismo-desportivo/jornalismo/esporte-2428814.html>

Jespers, J. (1998). Jornalismo Televisivo. Minerva.

Leão, I & Rei, J. (2000). Dicionário de Ciências da Comunicação. Porto: Porto Editora

Lemos, M. (2006). Jornais Diários Portugueses do Século XX, um Dicionário. Coimbra: Ariadne editora/ceis20.

Markina, I. (coord). (2010). La especialización en el periodismo – Formarse para informar. Comunicación Social.

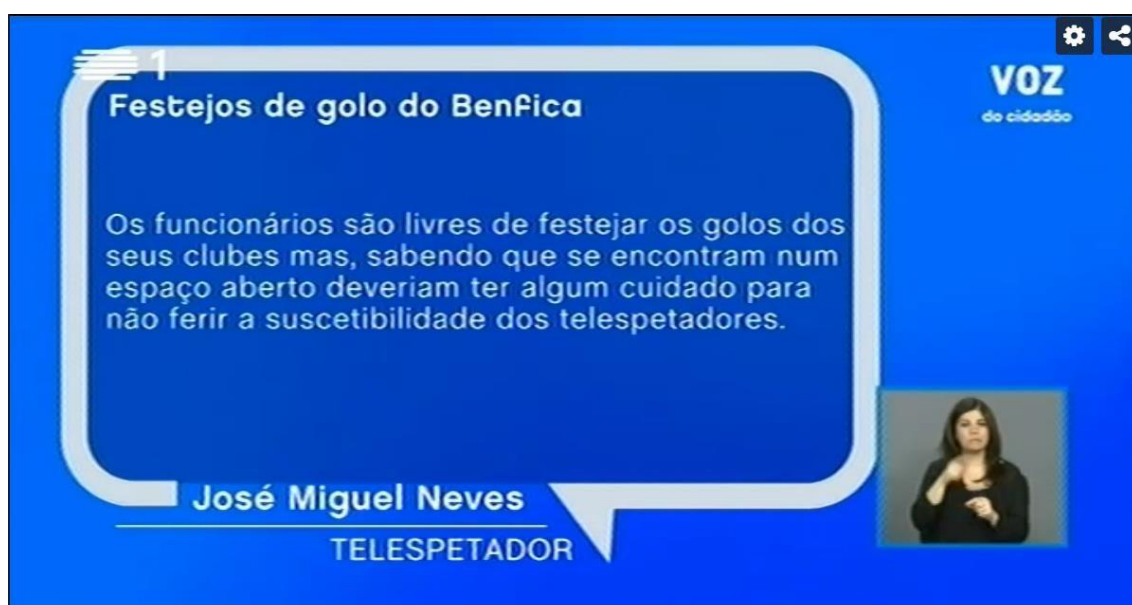
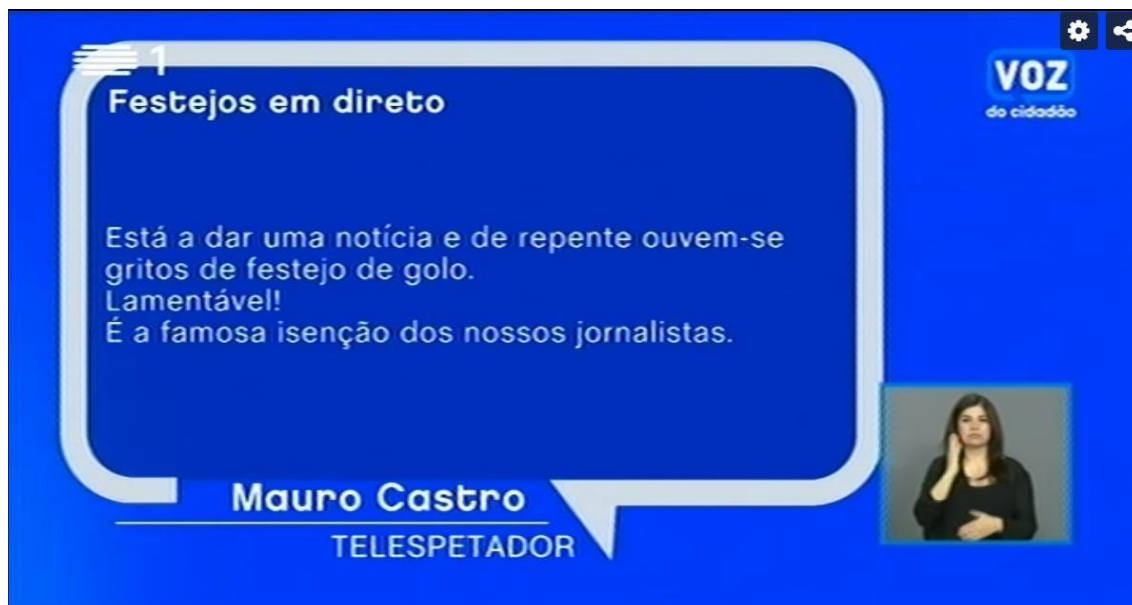
Martinez Albertos, J. (1984). Curso general de redacción periodística. Barcelona: Mitre.


Neves, I. (2016). A (im)parcialidade na imprensa diária desportiva em Portugal: Os casos de FC Porto, SL Benfica e Sporting CP (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Noblat, R. (2002). A arte de fazer um jornal diário (3.ª Ed.). São Paulo: Contexto.

- Orive, P & Fagoaga, C. (1974). La especialización en el periodismo. Madrid: Dossat.
- Ortiz Simarro, P. (1997). La formación dual del periodista especializado in Esteve, F. (coord) Estudios sobre Información Periodista Especializada (pp.61-69). Valencia: Fundación Universitaria San Pablo CEU.
- Paniagua Santamaría, P. (2002) ‘Información deportiva. Especialización, géneros y entorno digital’. Madrid: Fragua
- Pinheiro, F. (2005). “Imprensa desportiva portuguesa: do nascimento à consolidação (1893-1945)”. Ler História.
- Quesada Pérez, M. (1998). Periodismo Especializado. Madrid, España: Ediciones Internacionales Universitarias.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). Manual de investigação em ciências sociais (3.^a ed.). Lisboa: Gradiva.
- Torrijos, J. (2011). Periodismo desportivo de calidad. Madrid: Fragua.
- Salviano, A. (2010). *Jornalismo Desportivo, Mundo dos jornalistas*, Brasil.
- Sobrados León, M. (2013). Presente y futuro en el periodismo especializado. Madrid: Fragua.
- Tavares, F. (2008). Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida, Relatório de Qualificação de Doutorado. São Leopoldo: UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.
- Tuñón, A. (1989). Proyecto docente. Barcelona: Departamento de Periodismo, Facultad Van der Henst, Christian.

Anexo 1 - Críticas sobre a imparcialidade da RTP






1

Festejos em direto


Um conjunto de pessoas presente no espaço onde se realiza o Telejornal festejou ruidosamente um golo do Benfica contra o meu clube, Futebol Clube do Porto.

Paulo Machado
TELESPETADOR






VOZ
de cidadão



1

Jornal da Tarde - 2 de Abril de 2017

No fecho da notícia sobre o clássico de Futebol entre o Benfica e o Porto do dia anterior, fomos brindados com alguns segundos do hino do FCP. Gostaria de saber a que propósito.

António Rodrigues
TELESPETADOR





VOZ
de cidadão



12 de agosto de 2018, 21h48

FALTA DE ISENÇÃO NA RTP

ATLETISMO

Comentários inqualificáveis e intoleráveis na televisão pública.

[f](#) [t](#) [in](#) [G+](#) [✉](#)



Anexo 2 - Questionário

Questionário

Este questionário foi elaborado no âmbito de um Relatório de Estágio e tem como objetivo descobrir se existe ou não imparcialidade no canal público português, a RTP.

Todas as informações que fornecer ao longo do questionário servirão apenas para análise e tratamento de dados, salvaguardando-se o anonimato.

Obrigado pela sua colaboração!

1. Região:

2. Sexo:

Masculino ☐

Feminino ☐

3. Idade: _____

4. Escolha o seu clube de Futebol:

FCP ☐

SLB ☐

SCP ☐

Outro ☐ Qual? _____

Não tenho ☐

5. Escolha o seu 2º clube de Futebol (não pode repetir a escolha do primeiro clube)

FCP	<input type="checkbox"/>	Porquê? _____
SLB	<input type="checkbox"/>	Porquê? _____
SCP	<input type="checkbox"/>	Porquê? _____
Outro	<input type="checkbox"/>	Qual? _____
Clube da terra	<input type="checkbox"/>	Qual? _____
Nenhum	<input type="checkbox"/>	

6. Classifica o seu grau de fanatismo (selecione de 1 a 4 sendo que o 1 é pouco fanático e o 4 é muito fanático)

1	<input type="checkbox"/>
2	<input type="checkbox"/>
3	<input type="checkbox"/>
4	<input type="checkbox"/>

7. Considera a RTP um canal parcial ou imparcial? Fundamente a sua escolha.

Imparcial	<input type="checkbox"/>
Parcial	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua participação!

Anexo 3 – Estúdio virtual da RTP do Porto



Anexo 4 – Planta da redação da RTP do Porto

